

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Número 07, 1º semestre de 2020

ISSN 2526-9739



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado da
romancista inglesa.

Jane Austen

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil



Jane Austen Sociedade do Brasil

Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten – 2020 – Volume 07

ISSN 2526-9739

Publicação Semestral da JASBRA

<https://janeaustenbrasil.com.br/literausten/>
janeaustensociedadodobrasil@gmail.com

Imagem da capa e contracapa:

manuscrito de Lady Susan (fundo) e aquarela inacabada de Jane Austen, feita por Cassandra Austen.

Presidente da JASBRA

Adriana Sales Zardini

Vice-Presidente da JASBRA

Cláudia Suzana Cristino

Corpo Editorial

Adriana Sales Zardini

Jane Rodrigues Pereira Andrade

Pareceristas *ad hoc* desta edição

Adriana Sales Zardini

Cláudia Suzana Cristino

Deborah Mondadori Simionato

Fábio Paiva Reis

Flávia Rodrigues Monteiro

Jane Rodrigues Pereira Andrade

Marcelle Santos Vieira Salles

Rosângela Neres Araújo da Silva

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil



Jane Austen Sociedade do Brasil

Revista LiterAusten

Rua Francisco Bicalho, 222 / 201

30.720-412

Belo Horizonte – Minas Gerais – Brasil

adrianajasbra@gmail.com

Volume 7 - 1º Semestre de 2020

ISSN 2526-9739

Revisão e Editoração Eletrônica desta edição

Adriana Sales Zardini

Jane Rodrigues Pereira Andrade



APRESENTAÇÃO

A Revista LiterAusten tem como objetivo, publicar os artigos dos Encontros Nacionais da Jane Austen Sociedade do Brasil, assim como publicações de pesquisadores nacionais e internacionais a respeito da escritora inglesa Jane Austen.

Esta Revista oferece acesso livre e imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

A publicação é semestral e aceita artigos em fluxo contínuo.



MENSAGEM DA PRESIDENTE

A quarta edição da revista LiterAusten é fruto de mais uma conquista da Jane Austen Sociedade do Brasil em oferecer reflexões e pesquisas sobre Jane Austen e suas obras. É com muita satisfação que apresentamos os trabalhos aqui publicados e desejo a todos uma ótima leitura.

Vida longa à LiterAusten!

Adriana Sales Zardini

MENSAGEM DOS EDITORES

Temos como missão disseminar com seriedade e dedicação a obra da escritora inglesa Jane Austen e, este propósito, tem vida e nome: LiterAusten! Este 7º Volume, traz artigos escritos por pesquisadores de várias partes do Brasil. Nesses artigos poderemos conhecer um pouco mais sobre Austen e sua obra por meio de análises interessantes e pesquisas profundas. Desejamos que a leitura seja proveitosa e que a mente e genialidade de Austen sejam atributos cada vez mais reconhecidos entre os amantes da literatura.

Adriana Sales Zardini e Jane Rodrigues Pereira Andrade

REGRAS DE CITAÇÃO DOS ARTIGOS DESTA REVISTA

SOBRENOME, nome do autor. Título do artigo. **Literausten**, Belo Horizonte, V. 7, 84 páginas, 1º semestre. 2020. Disponível em: <<https://janeaustenbrasil.com.br/literausten/>>. Acesso em: data.



APRESENTAÇÃO

No presente número da Revista LiterAusten apresentamos dois artigos com análises de Jane Austen sob o viés feminista, um artigo que destaca o papel de Fanny Price, de Mansfield Park, como ideal feminino, uma análise sobre a importância da leitura das obras de Austen feita sob o ponto de vista masculino, além de um artigo sobre a ironia em Lady Susan.

Os artigos aqui apresentados são frutos de trabalhos e pesquisas acadêmicas que visam enriquecer nosso conhecimento a respeito da autora e suas obras.

Desejo uma ótima leitura para todos!

Adriana Sales Zardini
Doutora em Estudos Linguísticos – UFMG
Docente no Departamento de Linguagem e Tecnologia do CEFET-MG
Editora da Revista LiterAusten



SUMÁRIO

ARTIGOS

- SUBMISSÃO OU SUBVERSÃO? UM FEMINISMO POSSÍVEL PARA ELIZABETH BENNET (Francisco Edinaldo De Pontes e Aldinida De Medeiros Souza)08
- JANE AUSTEN, LEITURA DE NINAR PARA GAROTAS REBELDES E FEMINISTAS (Cristiane de Mesquita Alves) 36
- FANNY PRICE: DE HEROÍNA INVISÍVEL A NOVO IDEAL FEMININO (Maria Luiza Ribeiro Buzian) 49
- A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DAS OBRAS DE JANE AUSTEN POR HOMENS: DE C.S. LEWIS A WILLIAM DERESIEWICZS (Bárbara G. Gonçalves Borba) 60
- A IRONIA EM LADY SUSAN, DE JANE AUSTEN (Maíra da Silva Botelho, Thallita Mota de Oliveira) 72



SUBMISSÃO OU SUBVERSÃO? UM FEMINISMO POSSÍVEL PARA ELIZABETH BENNET

Francisco Edinaldo de Pontes¹
Aldinida de Medeiros Souza²

RESUMO: Sob a perspectiva da crítica feminista e dos estudos sobre a representação feminina e do feminismo político, o objetivo do nosso artigo é fazer um breve estudo sobre a protagonista Elizabeth Bennet, no romance *Orgulho e Preconceito* (2012 [1813]), de Jane Austen (1775-1817), mostrando como ela se apresenta com um comportamento rebelde, subversivo e transgressor, – se comparada com as demais mulheres do seu contexto – quando ela questiona, refuta e rompe com os padrões, normas, regras e moldes femininos impostos à mulheres na Era Georgiana Inglesa. Ademais, o estudo justifica-se pela necessidade de investigar e refletir sobre alguns aspectos que passam despercebidos aos nossos olhos, mas que estão muitas vezes nas entrelinhas da narrativa de Austen, tais como: a vigência do sistema patriarcal; a submissão das mulheres; a exaltação da voz feminina no romance; a transgressão sociocultural da protagonista; assim como, as desigualdades econômicas, culturais, civis e legais entre ambos os sexos. Metodologicamente, o nosso artigo consiste em uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, com uma abordagem de interpretação textual, remetendo-se ao método dedutivo. Como aporte teórico, contamos com as concepções de Azerêdo (2013); Beauvoir (2009); Bonnici (2007); Millett (2003 [1968], 1970); Muraro (2002); Newton (1978); Perrot (2010); Schmidt (2002); Woolf (2019); Zardini (2013); Zinani (2002); e Zolin (2009). Contudo, mesmo cedendo ao casamento, mais uma vez, a protagonista quebra os padrões oitocentistas ingleses, pois ela se dá o direito de “decidir se” ela quer casar ou não, e com “quem” ela quer casar. Em conclusão, a partir das características da personagem analisada, podemos considerar um feminismo possível para Elizabeth Bennet, em consequência do fato de que ela não atende à representação do feminino esperado das mulheres na Inglaterra Georgiana.

Palavras-chave: Crítica Feminista. Feminismo Político. Sistema Patriarcal. Rebeldia. Subversão.

¹ Mestrando em Literatura e Interculturalidade (MLI/PPGLI/UEPB), Campus I, Campina Grande – PB. É membro integrante do Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus/DGP/CNPq). E-mail: edinaldopontesacademico@gmail.com.

² Doutora em Literatura Comparada (PPgEL/UFRN), com Pós-doutorado pela Universidade de Coimbra (com bolsa parcial para pós-doutorandos da Capes (seis meses). Professora Associada Nível I, de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira, do Departamento de Letras (DL/CH/UEPB); e Professora permanente no Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade (MLI/PPGLI/UEPB), Campina Grande – PB. Coordena o Grupo Interdisciplinar de Estudos Literários Lusófonos (GIELLus), cadastrado no DGP do CNPq. Professora Pesquisadora do CLEPUL (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa) e Investigadora Visitante do CICS.NOVA, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. E-mail: aldinidamedeiros@gmail.com.



ABSTRACT: Through the perspective of feminist criticism, studies about the feminine representation, and political feminism, our paper aims to conduct a brief study about the protagonist Elizabeth Bennet, in the novel *Pride and Prejudice* (2012 [1813]), by Jane Austen (1175-1817), showing how she presents a rebellious, subversive and transgressive behavior, – if compared with other women from her context – when she enquires, refuses, and ruptures the patterns, standards, rules, and moulds imposed on women in the English Georgian Age. Moreover, the study is justified by the necessity to investigate and reflect about some aspects that go unnoticed by us but which often are between the lines of Austen’s narrative, such as: the validity of the patriarchal system; the submission of women; the exaltation of the feminine voice in the novel; the sociocultural transgression of the protagonist; as much as the economic, cultural, civil and legal inequality between both sexes. Methodologically, our paper consists of an exploratory research of bibliographic character, through textual interpretation, referring back to the deductive method. As theoretical basis, we have counted with conceptions by Azerêdo (2013); Beauvoir (2009); Bonnici (2007); Millett (2003 [1968], 1970); Muraro (2002); Newton (1978); Perrot (2010); Schmidt (2002); Woolf (2019); Zardini (2013); Zinani (2002); and Zolin (2009). However, even though yielding to marriage, the protagonist, once again, breaks with the English nineteenth century standards, for she gives herself the right to “decide if” she wants to get married or not, and with “whom” she wants to marry. In conclusion, based on the characteristics of the character analyzed, we may consider a possible feminism to Elizabeth Bennet, in consequence of the fact that she doesn’t attend to representation of the feminine expected from women in the Georgian England.

Keywords: Feminist Criticism. Political Feminism. Patriarchal System. Rebellion. Subversion.

INTRODUÇÃO

“Calor, insolência, espírito: essas eram qualidades que a própria Jane Austen tinha e que valorizava em Frank” (BYRNE, 2018, p. 35).

Doravante as teórico-críticas Rita Terezinha Schmidt (2002) e Cecil Jeanine Albert Zinani (2011), com a contribuição da Crítica Feminista (1970) para os estudos literários, pesquisadores e estudiosos de literatura começaram a dar visibilidade a obras literárias de autoria feminina que, outrora, foram descreditadas pela crítica literária canônica e relegadas ao emudecimento. Iniciou-se, primeiramente, uma investigação sobre como as personagens femininas eram representadas em escritos de autoria masculina. Depois, passou-se a investigar como a mulher, enquanto escritora, construía as suas próprias personagens femininas e como essas eram representadas em seus escritos, demarcando a partir disso, um cânone literário de autoria feminina propriamente dito.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Portanto, em meio a muitas dessas investigações, encontramos exemplos de escritoras que constroem as suas personagens femininas com o intuito de retratar a condição legal, civil e política das mulheres em uma sociedade na qual apenas os homens sempre tiveram diversos privilégios sociais, sendo destinado às mulheres, no entanto, tudo o que está relacionado ao domínio do privado, ou seja, o cuidado com o lar. Assim, é nas narrativas de Jane Austen (1775-1817)³ que conseguimos identificar explicitamente, mas, às vezes, nas entrelinhas, a representação do contraste da condição social, histórica, política e cultural entre os sexos masculino e feminino. Então, valendo-se desse terreno de desigualdades entre homens e mulheres é que a romancista inglesa constrói personagens femininas que atendem aos padrões sociais do período oitocentista inglês, mas, ao mesmo tempo, ela nos presenteia com protagonistas que vão, na maioria das vezes, contra a representação do feminino que atende aos moldes da sociedade Georgiana Inglesa⁴.

Partindo desses fatos, sob a perspectiva da crítica feminista e dos estudos sobre a representação feminina e do feminismo político, o objetivo da nossa pesquisa consiste em fazer um breve estudo sobre a protagonista Elizabeth Bennet, no romance *Orgulho e Preconceito* (2012), de Jane Austen (1775-1817); mostrando como ela apresenta-se com um comportamento subversivo se comparada com mulheres representadas nos romances do período regencial inglês, levando em consideração o contexto sócio, histórico, político e cultural no qual a personagem feminina está inserida. Além disso, propomos ilustrar como a protagonista reage às imposições que a Era Georgiana fazia às mulheres, como a

³ Nota biográfica sobre a romancista: Jane Austen nasceu em Steventon, Hampshire, Inglaterra em 1775, e faleceu em 1817, aos 41 anos de idade, em Chawton, Hampshire. A escritora foi sepultada na Catedral de Winchester, Hampshire, Inglaterra. Ao longo de sua curta vida, a romancista histórica, regionalista e georgiana inglesa nos deixou a novela epistolar *Lady Susan* (1794-1805), seis romances e algumas obras inacabadas, dentre elas: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *Persuasão* (1817), e *A Abadia de Northanger* (1818); sendo as obras que ficaram inacabadas, mas posteriormente finalizadas e publicadas por seus familiares, *The Young Sister* (1850) e *Sanditon* (1925). Além disso, ela também deixou uma peça teatral, *The Grandison, or The Happy Man: a Comedy in Six Acts*, poemas, escritos epistolares e um esboço de um novo romance, intitulado “Projeto de um Romance”, que ela estava escrevendo quando a morte a levou (Cf. AUSTEN-LEIGH, 2014).

⁴ Era Georgiana ou Período Regencial: A referida “Era” recebe, por assim dizermos, a adjetivação referente ao nome do monarca da Inglaterra que governou nesse período, o Rei George III (1738-1820); e logo depois, o seu filho, o Rei George IV (1762-1830), com regência de 1811 a 1830 (Cf. BYRNE, 2018).



representação de mulheres recatadas e obedientes às condutas sociais da época, que Elizabeth não aceita, refutando-as e não se enquadrando nelas; transgredindo, dessa maneira, as regras impostas a ela, tais como a obediência, o emudecimento, o recato, a submissão, e a instituição do casamento.

Ademais, o estudo justifica-se pela necessidade de investigar e refletir sobre alguns aspectos que passam despercebidos aos nossos olhos, mas que estão muitas vezes nas entrelinhas e, em certos momentos, explícitos na narrativa de Austen, tais como: a frequente presença do sistema patriarcal; a exaltação da voz feminina no romance; a transgressão da protagonista com relação a diversos aspectos que o contexto georgiano inglês impunha às mulheres; a instituição do casamento como única saída para sobrevivência de mulheres abastadas; isto é, algumas características pertinentes do período georgiano inglês que permeiam a narrativa austeniana.

Em acréscimo, como tema atual e frequente nas discussões literárias contemporâneas, é de extrema importância a discussão tanto sobre o feminismo político, quanto a respeito da representação feminina em obras escritas por mulheres. Assim como é importante dar visibilidade e valorização a escritos de autoria feminina, dando ênfase também à consciência da igualdade de direitos entre os sexos, que muitas vezes, mesmo nos dias atuais, ainda sofrem com o prenúncio do retrocesso sócio, político e cultural.

No que diz respeito ao encaminhamento metodológico, o nosso artigo consiste em uma pesquisa exploratória, de cunho bibliográfico, com uma abordagem de interpretação textual, remetendo-se ao método dedutivo. Ademais, utilizaremos como principal instrumento de análise do romance o estudo de cunho estruturalista, ou seja, uma análise estrutural da narrativa, como forma de enriquecer o trabalho com informações precisas obtidas através de uma leitura obsequiosa da narrativa.

Como aporte teórico, recorreremos às concepções de Genilda Azerêdo (2013); Simone de Beauvoir (2009); Thomas Bonnici (2007); Kate Millett (2003 [1968], 1970); Rose Marie Muraro (2002); Judith Lowder Newton (1978); Michelle Perrot (2010); Rita Terezinha Schmidt (2002); Virgínia Woolf (2019); Adriana Sales Zardini (2013); Cecil Jeanine Albert Zinani (2002); e Lúcia Osana Zolin (2009).



Orgulho e Preconceito (1ª edição, 1813)⁵ é um romance oitocentista inglês que tem como pano de fundo a Era Georgiana Inglesa. Dessa forma, a história se passa nas regiões Norte, Leste, Sudoeste e Sul da Inglaterra, mais especificamente, na área rural inglesa: nas propriedades privadas, vilarejos, assim como, na grande Londres. O enredo gira em torno de sete famílias provincianas inglesas, são elas: os Bennet, os Lucas, os Bingley, os Darcy, os Gardiner, os Bourgh, e os Collins. Uma vez que, a maior parte da trama gira em torno da família Bennet, por conter em seu núcleo cinco moças que são responsáveis por maior parte dos acontecimentos do romance, apresentando-as, portanto, como o foco central da narrativa.

No entanto, o tema principal da história consiste no orgulho e no preconceito presente nas posturas de Miss Elizabeth Bennet e Mr. Fitzwilliam Darcy, tendo em vista que, eles identificam tais características um no outro; e que ambos acabam se transformando e se livrando do seu orgulho e do seu preconceito ao longo da narrativa, ajudando um ao outro a reconhecerem os seus erros e a consertá-los, e tornarem-se, assim, pessoas melhores. Segundo os estudiosos da Crítica Literatura Inglesa, como Richard MeckKeon (1979), Terryson Eagleton (2005), Stephen Greenblatt e M. H. Abrams (2005), Andrew Sanders (1994), G. C. Thornley e Gwyneth Roberts (2003), Cevasco e Siqueira (1999); *Orgulho e Preconceito* (2012) seria um verdadeiro *novel of manners* (um romance de maneiras, um romance de modos), onde há explícito os costumes, as maneiras, a educação, as normas de conduta e um esboço dos aspectos históricos, políticos e culturais da sociedade oitocentista inglesa. Outro aspecto importante que identificamos nas primeiras linhas do romance, consiste na busca das cinco irmãs Bennet por um casamento, em um contexto provinciano inglês calcado pelas premissas e costumes patriarcais, onde as mulheres eram relegadas apenas ao domínio do privado, características pertinentes na sociedade georgiana inglesa.

⁵ Ressaltamos o ano da primeira edição, embora nosso exemplar utilizado seja uma edição de 2012.



UMA BREVE DISCUSSÃO SOBRE MULHER, LITERATURA E ESTUDOS FEMINISTAS

“Mas foi uma experiência real; foi uma experiência inevitável para todas as escritoras daquela época. Matar o Anjo do Lar fazia parte da atividade de uma escritora” (WOOLF, 2019, p. 13-14).

O escritor e poeta italiano Cesare Pavese (1908-1950), combatente antifascista, – o que lhe rendeu três anos de prisão no sul da Itália – em seu livro intitulado *Il Mestiere di Vivere*, traduzido para o Português Brasileiro como *O Ofício de Viver: diário de 1935-1950*, publicado em 1952, afirma que: “a literatura é uma defesa contra as ofensas da vida”. Essa afirmação, de certo modo, configura um sentido coerente sobre a funcionalidade que a classe marginalizada adota a respeito da Literatura, considerando-a como uma forma pela qual o indivíduo encontra a liberdade de expressão, e com isso, sentindo-se à vontade em fazer denúncias a respeito das injustiças e desigualdades existentes entre pessoas de um mesmo contexto sócio, histórico, político e cultural. Não obstante, esse mesmo caso acontece com a mulher, que encontra na escrita ensaística e, conseqüentemente, na Literatura, uma defesa contra as ofensas que a vida, ou o mais certo a dizermos, que a sociedade opressora, sexista⁶, alicerçada nos preceitos do patriarcado⁷, vem impondo às mulheres há muitos séculos.

Destarte, a partir dos anos de 1960, mais especificamente, nos Estados Unidos e na França, com os avanços dos Estudos de Gênero na Literatura e os Estudos sobre a Representação do Feminino na Literatura, assim como, a contribuição e proliferação das pesquisas da Crítica Literária Feminista americana e europeia, – calcada nos propósitos e

⁶ Sexista: “Pessoa que possui particularidades e/ou características que denotam sexismo” (Cf. NEVES & RIBEIRO, 2018). **Sexismo**: “é um conceito que aparece por volta de 1965, por analogia com outros conceitos como ‘racismo’. Pretende-se cunhar com este termo a discriminação por razões de sexo (Niedzwiecki, 1993: 16)” (Cf. MACEDO; AMARAL et al, 2005, p. 176).

⁷ Patriarcado: “[...] o chefe da família, que consiste na figura do homem, do pai, exerce o papel de administrador e designador dos papéis dos membros de sua família. Assim, tudo gira em torno da figura do patriarca, esse estabelecendo normas e regras hierárquicas que devem ser seguidas à risca, ou seja, uma vez que o patriarca é o responsável pela estrutura familiar e social, esse é detentor de todos os direitos civis, o que exalta a posição do seu gênero masculino em oposição ao gênero feminino” (PONTES, 2019, p. 20-21).

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

elementos básicos do Movimento Feminista⁸ – várias escritoras, pesquisadoras, acadêmicas, ativistas, abolicionistas, sociólogas, filósofas, psicanalistas e ensaístas feministas vêm lutando por um espaço no mundo dos letrados de domínio masculino; tanto para reverberarem uma produção acadêmica e teórico-científica, quanto para a produção literária de autoria feminina. Pois, como afirma Virgínia Woolf (1882-1941), em seu ensaio intitulado “Profissão para as mulheres”⁹, a literatura “é a profissão que, tirando o palco, menos experiência oferece às mulheres – menos, quero dizer, que sejam específicas das mulheres” (WOOLF, 2019, p. 09). E em justificativa à essa afirmação, Virgínia Woolf (2019) ainda infere:

Pois o caminho foi aberto muitos anos atrás – por Fanny Burney, Aphra Behn, Harriet Marineau, Jane Austen, George Eliot –; *muitas mulheres famosas e muitas outras desconhecidas e esquecidas vieram antes, aplainando o terreno e orientando meus passos*. Então, quando comecei a escrever, eram pouquíssimos os obstáculos concretos em meu caminho (WOOLF, 2019, p. 09-10, grifos nossos).

Assim, ao refletirmos sobre o posicionamento de Virgínia Woolf (2009) na citação acima, vemos que, desde muito tempo, a oportunidade de inserção e publicação tanto de escrita literária quanto de escrita com teor ensaístico e político era, prioritariamente, destinada apenas ao cânone literário historicamente construído por produções de cunho masculino; sendo essas produções aclamadas por uma Crítica Literária Tradicional, composta pelos Mestres da Literatura de autoria masculina, reverenciados e consagrados na História da Literatura Universal.

Não obstante, pois “na época em que o gênero humano se eleva até a redação escrita de suas mitologias e de suas leis, *o patriarcado se acha definitivamente estabelecido*: são os homens que compõem os códigos. *É natural que deem à mulher uma situação subordinada*” (BEAUVOIR, 2009, p. 94, grifos nossos). Tendo em vista que, se quisessem publicar, a

⁸ Movimento Feminista: “Isto é o que se chama de feminismo, um movimento político, social e filosófico que pregava a igualdade social entre os sexos, com o intento de eliminar qualquer dominação sexista e de transformar a sociedade” (BONNICI, 2007, p. 86).

⁹ “Profissão para as mulheres”: “Virgínia Woolf leu esse texto para a Sociedade Nacional de Auxílio às Mulheres em 21 de janeiro de 1931. Foi publicado postumamente em *A morte da mariposa*, 1942” (WOOLF, 2019, p. 09, grifos nossos).



maioria as mulheres teriam que fazê-lo com o uso de um pseudônimo, tanto pela preservação de seus familiares – já que mulheres escrevendo e tentando ganhar dinheiro com isso traziam a implicação de que os homens na família não estavam provendo como esperado – quanto com o receio de sofrerem retaliações da crítica e do mercado editorial, como é o caso de George Eliot, pseudônimo da escritora inglesa Mary Anne Evans (1819-1880); *By a Lady*, utilizado por Jane Austen (1775-1817); e, Nísia Floresta Brasileira Augusta, pseudônimo da educadora, escritora e poetisa brasileira Dionísia Gonçalves Pinto (1810-1885).

Crítica Feminista: um esboço

Sob os efeitos da Revolução Francesa, a política, a economia, a ciência, a medicina, as diversas áreas do conhecimento, – assim como a Literatura – estão em efervescente e constante progresso, causando, dessa maneira, a famosa globalização. Em consequência desse fato, o avanço não está voltado apenas às áreas elementares do funcionamento civil, político e econômico da sociedade, mas também, recai sob as Ciências Sociais. Assim, mais tarde, com o Pós-Segunda Guerra Mundial, na Europa Ocidental, por volta dos anos 1960, – com a necessidade de investigar como a sociedade está reagindo às diversas mudanças sociais desde os anos finais do século XVIII – juntamente com os Estudos Culturais, surgem os Estudos Feministas. Uma vez que, com o advento desse último, diversas outras correntes críticas surgiram, dentre elas, a Crítica Literária Feminista (1970).

Portanto, na concepção de Lúcia Osana Zolin (2009), a Crítica Feminista (1970) é uma vertente da Crítica Literária que tem como propósito ler e interpretar o texto literário, assumindo o papel de questionadora da prática acadêmica e literária patriarcal. Uma vez que, o objetivo principal dessa vertente crítica consiste em pesquisar e mostrar o posicionamento da mulher, primeiramente, como leitora e, posteriormente, como escritora, em um contexto no qual o discurso masculino hegemônico e supremacista é moldado pelas relações de poder existentes em uma sociedade sexista e androcêntrica; calcada na ideologia ocidental que, se

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

apresenta permeada pelo discurso construído pelo falocentrismo¹⁰. Além disso, a crítica feminista destaca o modo como os escritores vêm representando a mulher em seus escritos literários, mostrando também, a predominância da ordem masculina em todas as esferas da sociedade, inclusive no mundo dos letrados (Cf. ZOLIN, 2009).

Então, no que consiste aos objetivos dessa vertente crítica, a pesquisadora e teórico-crítica Rita Terezinha Schmidt, em seu texto intitulado “A Crítica Feminista na mira da Crítica” (2002), nos diz que:

No quadro formativo desse pensamento, concorreram as formulações do *feminismo teórico europeu e norte-americano das décadas precedentes*, em suas diversas taxonomias, reinscritas na forma de um discurso teórico-crítico empenhado na *construção de um lugar enunciativo de intervenção na autoridade epistêmica do falocentrismo e no monopólio do sujeito cultural dominante* (declinado no masculino) o qual historicamente gerenciou e controlou os mecanismos de *produção, recepção e circulação* de bens simbólicos segundo uma lógica excludente, *responsável pela marginalidade das mulheres como sujeitos produtores de discursos e saberes* (SCHMIDT, 2002, p. 108, grifos nossos).

Assim, a Literatura, mais especificamente, a escrita como liberdade de expressão, tornou-se, dessa forma, um instrumento pelo qual a mulher irá: reivindicar a sua capacidade intelectual, uma vez que esse aspecto foi subestimado pelo sexo masculino; afirmar a sua liberdade de expressão e fazer com que a sua voz seja ouvida, já que essa tem sido silenciada há séculos; denunciar a predominância da ideologia e do universo masculino dominante; assim como, segundo Rita Schmidt (2002), estabelecer a escrita literária e política como uma profissão, visto que, essa sempre se destinou aos homens brancos, elitizados e machistas.

Desse modo, para podermos discutir sobre o trabalho da mulher na Literatura, seja ele em âmbito nacional ou internacional, devemos levar em consideração alguns aspectos importantes que configuram o seu perfil de escritora e a sua escrita em si, dentre eles: a identidade, o discurso e a representação. É através desses aspectos que conseguimos identificar como se caracteriza a produção literária feminina e como a mulher vem

¹⁰ Falocentrismo: “O termo Falocentrismo ganhou preponderância nos debates feministas contemporâneos, onde é muitas vezes usado fora do contexto psicanalítico, de onde é proveniente, através do vocábulo <<falo>> e de expressões como <<estado fálico>> (do desenvolvimento) [...]” (MACEDO; AMARAL et al, 2005, p. 64).



transgredindo no campo literário através do seu trabalho árduo, com o intuito de emancipar-se de maneira histórica, política, social, civil, legal, e sim, “como ‘sujeito’ e não como o ‘Outro’, sendo dona de sua própria existência e autora de sua própria essência” (Cf. BEAUVOIR, 2009).

Sendo assim, de acordo com Cecil Jeanine Albert Zinani, em “Crítica Feminista: uma contribuição para a história da literatura” (2011):

A crítica literária feminista é um dos elementos que concorreu para a discussão do cânone, *ao levantar questões sobre o apagamento de autoras cuja produção apresentava qualidade estética suficiente para referendar sua inclusão nessa categoria. Os trabalhos de resgate e de análise de obras dessas autoras silenciadas redimensionaram os parâmetros de inclusão no cânone.* Outro aspecto importante da crítica feminista *foi a possibilidade de propor uma nova leitura de obras literárias, independentemente da autoria, considerando o ponto de vista feminino* (ZINANI, 2011, p. 414, grifos nossos).

Ademais, de acordo com Thomas Bonnici, no seu texto intitulado *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências* (2007), conseguimos identificar o processo de amadurecimento da crítica feminista ao observarmos, cronologicamente, a contribuição de escritoras, pesquisadoras, acadêmicas, ativistas, abolicionistas, sociólogas, filósofas, psicanalistas e ensaístas para o seu arcabouço teórico-crítico, desde o século XVIII até o século XX. Segundo Thomas Bonnici (2007), o movimento feminista é composto por três ondas e duas vertentes, sendo essas duas últimas a norte-americana e a francesa.

Feminismo Político: uma reflexão

Nos Estados Unidos, em 1970, temos uma publicação que contribuiu de maneira muito significativa para a Crítica Feminista, que é na perspectiva de um “Feminismo Político”. A escritora, artista, educadora e ativista feminista estadunidense Katherine Murray

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Millett (1934-2017), publica a obra intitulada *Sexual Politics* (1968)¹¹, primeiramente como um ensaio, e logo, depois, em 1970, como a sua tese de doutorado; traduzida para o Português Brasileiro como *Política Sexual*, que “traz à tona discussões acerca da posição secundária ocupada pelas heroínas dos romances de autoria masculina, como também pelas escritoras e críticas literárias” (ZOLIN, 2009, p. 226). Nessa obra, observamos que Millett (1970) discute o feminismo em uma perspectiva política, nos mostrando como o sistema patriarcal tem agido sobre as mulheres, a opressão da mesma, além da dominação do pensamento masculino no âmbito da literatura, nos mostrando também como a mulher aparece em segundo plano na narrativa de autoria masculina.

Tendo em vista o que levantamos pela teórica, observamos que, embora a mulher tenha os seus direitos gradativamente sendo estabelecidos nos dias de hoje, mesmo assim, de modo geral, ela ainda será vista como um ser inferior. Ou seja, uma mulher-objeto¹², que no patriarcalismo¹³ está enraizada na concepção que trata sobre a diferença dos sexos, apresentando o sexo feminino como o “Outro”, o diferente, o frágil, o negativo, o inessencial, o que não tem importância (Cf. BEAUVOIR, 2009).

Na opinião de Millett (1970), as diferenças entre os sexos, principalmente no que concerne ao papel de inferioridade da mulher, fazem parte do que ela chama de política sexual. Ou seja, a inferioridade, subordinação, dominância e propriedade de um sexo sob o outro são características típicas da falta de democracia entre os mesmos. Essa política sexual é a representação da condição da mulher sob a perspectiva de um universo masculino autoritarista.

¹¹ “Esse ensaio de 1968, de Kate Millett, estava circulando antes da publicação do seu livro *Política Sexual*. A ideias nele foram, mais tarde, incorporadas no Capítulo 2 do livro, que é um clássico feminista” (Cf. RYAN, 2003, grifos nossos, tradução nossa).

¹² Mulher-objeto: “Consiste em uma categoria utilizada para caracterizar as tintas do comportamento feminino em face dos parâmetros estabelecidos pela sociedade patriarcal. [...] define-se pela submissão, pela resignação e pela falta de voz” (ZOLIN, 2009, p. 219).

¹³ Patriarcalismo: “Termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, na qual toda instituição social concentrava-se a figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável. Esse conceito tem permeado a maioria das discussões, travadas no contexto do pensamento feminista, que envolvem a opressão da mulher ao longo da sua história” (ZOLIN, 2009, p. 219).



Vemos isso claro na afirmação de Michelle Perrot, em *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros* (2010), quando ela nos elucida a respeito da divisão de papéis entre os sexos masculino e feminino:

O século XIX acentua a racionalidade harmoniosa dessa divisão sexual. *Cada sexo tem sua função, seus papéis, suas tarefas, seus espaços, seus lugares quase predeterminados, até em seus detalhes.* ‘[...] Ao homem, a madeira e os metais. À mulher, a família e os tecidos’, declara um delegado operário da exposição mundial de 1867 (PERROT, 2010, p. 178, grifos nossos).

Em consequência disso, o sistema patriarcal acaba permeando pelas esferas econômica, civil, legal, religiosa e política, o que contribui para uma construção ideológica das gerações futuras, calcada no pensamento de supremacia hegemônica masculina. A sociedade, imbuída dessa ideologia, acaba reproduzindo relações de poder intrinsecamente alicerçadas na opressão e imposição masculina nos diversos eixos do constructo social da cultura ocidental, privando, dessa forma, o sexo feminino do acesso ao poder político, ou seja, à esfera pública. Desse modo, “o domínio público, da história, foi alocado ao princípio masculino, enquanto o princípio feminino, marginalizado, circunscreveu-se ao domínio da casa, do privado, da reprodução. E o feminino era associado a uma mediação entre o homem transcendente e a cultura imanente” (MURARO, 2002, p. 67).

Assim, com relação à privação do poder político às mulheres, Kate Millett (1968), vem discutir sobre o arranjo universal que trata sobre as conquistas políticas, civis e legais das mulheres:

Temos ainda um arranjo antigo e universal para a *exploração política de um grupo de nascimento por outro – na área do sexo [...]. As mulheres foram colocadas na posição de minoria ao longo da história* e mesmo após a extensão relutante de certos direitos mínimos de cidadania e sufrágio no início deste século. *É tolice supor que as mulheres – brancas ou negras – tenham uma representação maior agora que votam – do que jamais o fizeram.* A história anterior deixou claro que a posse da votação por 100 anos fez do homem negro um bem pouco precioso (MILLETT, 2003 [1968], p. 01, grifos nossos, tradução nossa).

Millett (2003 [1968]) ressalta a posição da mulher no âmbito civil, com sua conquista ao voto. Mas, apesar dessa conquista, a escritora ressalta que não é o suficiente para reafirmar a equidade de direitos entre homens e mulheres, pois ainda presenciamos a privação



dessas do acesso ao poder público. Ou seja, na concepção de Muraro (2002), as mulheres sempre sofreram privações em diversas áreas da vida pública, principalmente no que concerne aos assuntos de Estado, como a diplomacia, o comércio e a política. Essa última sempre foi destinada ao sexo masculino, sendo esse último o opressor e o que sobrepõe e inferioriza a mulher. Ao final da sua afirmação, Millett (2003 [1968]) nos traz uma reflexão a respeito da inferioridade e desvalorização da mulher em sentido duplo.

Portanto, como Millett (2003 [1968]) afirma, se a mulher por si só, mesmo que tendo conquistado o voto, ainda não é considerada como detentora do poder em todas as esferas sociais, a cor de sua pele contribui de forma significativa na intensificação de sua inferioridade e incapacidade como detentora do domínio público. O que, de certo modo, reverbera a ações do sistema patriarcal e o papel da mulher nesse âmbito.

TRANSCENDENTE OU IMANENTE: ELIZABETH BENNET COMO REPRESENTAÇÃO DO FEMININO NO ROMANCE AUSTENIANO

“[...] Já não estou mais surpresa por você conhecer apenas seis mulheres prendadas. Agora me surpreendo por conhecer pelo menos alguma.” “É tão severa sobre o seu próprio gênero a ponto de duvidar da possibilidade de tudo isso?” “Nunca vi tal mulher. Nunca vi tal capacidade, gosto, aplicação e elegância, como você descreve, juntas”.
– Diálogo entre Miss Elizabeth Bennet, Mr. Fitzwilliam Darcy e Miss Caroline Bingley, em *Orgulho e Preconceito* (AUSTEN, 2012 [1813], p. 51 e 53).

O romance *Orgulho e Preconceito* (1813), que pode ser considerado ao mesmo tempo histórico e regionalista, escrito por Jane Austen, mas, publicado sob o pseudônimo *By a Lady*, durante a Era Georgiana (1714-1837) e pertencente ao Romantismo Inglês (1780-1830), é narrado em terceira pessoa, por um narrador onisciente. Ao mesmo tempo, a história também é contada sob a perspectiva de Elizabeth Bennet (Lizzy), o que faz com que identifiquemos uma exaltação da voz feminina na narrativa, pelo motivo dos fatos narrativos serem apresentados a partir do ponto de vista dessa personagem feminina. A protagonista, que tem vinte anos, é uma das cinco filhas da família Bennet, dentre elas: Miss Jane (com 22 anos), Miss Mary (com 19 anos), Miss Katherine ou Kitty (com 17 anos) e Miss Lydia (com



15 anos). O núcleo familiar vive em uma propriedade chamada Longbourn, próxima à cidade fictícia de Meryton, no condado de Hertfordshire, no Sul da Inglaterra.

Pelo motivo de o Mr. e a Mrs. Bennet, progenitores das cinco moças, não terem nenhum filho homem, as cinco filhas, assim como a Mrs. Bennet, corram o risco de ficarem desabrigadas, caso o seu pai chegue a falecer. Pois, pela lei da primogenitura de preferência masculina, que ainda é obedecida na Inglaterra oitocentista, – característica do sistema patriarcal – a propriedade é herdada diretamente por um parente homem mais próximo, que nesse caso em específico, é o Mr. William Collins. Dessa forma, o homem da sociedade patriarcal “precisa de herdeiros através dos quais se prolongará sua vida terrestre – pelo fato de lhes legar seus bens – e que lhe renderão, além-túmulo, as honras necessárias ao repouso de sua alma” (BEAUVOIR, 2009, p. 92).

Em consequência dessas circunstâncias que nos são apresentadas nos primeiros capítulos da obra, é que encontramos a justificativa pela qual a Mrs. Bennet se apresenta desesperada para casar as suas filhas desde o primeiro capítulo do romance, uma vez que essa era a única forma de garantir um futuro estável para as mulheres, e de que elas fossem respeitadas pela sociedade perante o contexto georgiano inglês. Apesar de que, diante de todos esses fatos, vemos que, de todas as mulheres que nos são apresentadas na narrativa, Elizabeth Bennet é a única que se opõe aos esquemas casamenteiros de sua mãe, além de não obedecer às regras e às normas de conduta de seu contexto sócio, histórico e cultural que são impostas às mulheres.

Dessa maneira, ao longo do romance, constatamos que a protagonista se diferencia das demais mulheres que se apresentam como representações do feminino no contexto oitocentista inglês, pelos seguintes pontos que serão mostrados e discutidos ao longo dessa seção, a saber: postura e personalidade forte, inconformista, desobediente, transgressora, sagaz, subversiva; rompe com o padrão comum de “mulher prendada” para o contexto georgiano inglês; recusa dois pedidos de casamento: o do Mr. William Collins e o do Mr. Fitzwilliam Darcy; e, casa-se por afeição e não por conveniência; caracterizando-a como transgressora, se comparada às demais mulheres que a cercam durante a narrativa. Tendo em vista que, a representação do feminino no contexto georgiano inglês está em desencontro com

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

os pontos elencados anteriormente, pontos esses que Jane Austen (2012 [1813]) toma como base para construir a protagonista do romance em estudo, caracterizando-a, aos nossos olhos, como subversiva.

Assim, a respeito da subversão de Elizabeth Bennet, Judith Lowder Newton, em “Pride and Prejudice: Power, Fantasy, and Subversion in Jane Austen” (1978), nos diz o seguinte:

Mas ao permitir que uma heroína do século XIX se safasse de ser crítica e desafiadora – especialmente sobre o poder masculino e a submissão feminina – ainda é se rebelar, não importa a quão charmosa que a heroína possa ser representada, não importa o quão segura que seja a sua rebelião. Quando Austen permite que Elizabeth expresse atitudes críticas, a agir sobre elas sem penalidade, Austen está se movendo contra as noções tradicionais de comportamento feminino e destino feminino. De acordo com os padrões tradicionais, as saídas de Elizabeth da convenção deveriam lhe dar uma vida de solteirona, sem um homem, sem uma carruagem e sem 10.000 libras por ano. O universo de Elizabeth, no entanto, é real o suficiente, a economia e as forças sociais a mantêm próxima o suficiente da superfície, que nós chegamos a acreditar nela, que nós não a ignoramos como fantasia, e a própria Elizabeth é tão convincente que nós não podemos dispensá-la também. Por todo o seu charme e a sua relativa segurança, a rebelião de Elizabeth nos convida a tomá-la seriamente, e por essa razão, eu presumo que a rebelião de *Orgulho e Preconceito* também, assim como a rebelião da maior parte da escrita feminina, que é ainda mais qualificada (NEWTON, 1978, p. 35-36, grifos da autora, tradução nossa).

Portanto, a postura da protagonista diante das convenções também será destacada na primeira conversa entre ela e Lady Catherine de Bourgh, na casa dessa última. O modo como a primeira responde às perguntas de *Your Ladyship*, é significativo. Primeiramente, enquanto os demais convidados ficavam intimidados com a presença e direcionamento de Lady Catherine, Elizabeth se comporta de maneira natural, como se a ilustre e grandiosa presença da *Lady* não a intimidasse o suficiente para desestabilizá-la. Assim, a protagonista responde às perguntas de Lady Catherine de Bourgh com um teor crítico, desafiador e defensivo que surpreende a todos, principalmente, com o modo breve, sagaz e sensato de suas respostas à anfitriã.

Tal comportamento acarreta uma reação de surpresa por Lady Catherine, pela quebra de padrões que a educação das irmãs Bennet tiveram e a situação de todas perante os modelos convencionais da época, além do posicionamento da protagonista a respeito desse assunto. No

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

que concerne ao primeiro ponto que elencamos anteriormente, que consiste na postura, personalidade forte, inconformismo, e rebeldia de Miss Elizabeth Bennet, vemos isso expresso no seguinte trecho:

‘Garanto-lhe’, disse sua senhoria, ‘que você dá sua opinião muito decididamente para uma pessoa tão jovem. Por favor, qual é a sua idade?’ ‘Com três irmãs mais jovens crescidas’, replicou Elizabeth, sorrindo, ‘sua senhoria mal pode esperar que eu a tenha.’ Lady Catherine pareceu bastante atônita por não receber uma resposta direta; e Elizabeth suspeitou que ela fosse a primeira criatura que já ousou gracejar com tamanha e digna impertinência. ‘Você não pode ter mais que vinte anos, estou certa, portanto, não precisa esconder a sua idade.’ ‘Não tenho ainda vinte e um anos’ (AUSTEN, 2012, p. 195).

Diante do exposto, vemos que, o modo como Miss Elizabeth Bennet demonstra coragem suficiente para afrontar Lady Catherine, quanto ao julgamento dessa última com relação à educação e à posição dela e de suas irmãs em uma sociedade patriarcal, rígida, opressiva e repleta de preconceitos enraizados contra as mulheres, destaca a não aceitação de Elizabeth Bennet do padrão comum do feminino georgiano. Esse último pode ser exemplificado no seguinte diálogo entre Miss Caroline Bingley e Mr. Fitzwilliam Darcy:

‘Sim, considero muita coisa nele’. ‘Ó! Certamente’, exclamou sua fiel assistente, ‘ninguém pode realmente ser considerada prendada se não ultrapassa em muito o que é geralmente tido como prendada. Uma mulher deve ter um vasto conhecimento de música, canto, desenho, dança e das línguas modernas para merecer a palavra; e, além de tudo isso, deve possuir um certo quê em seu semblante e modo de caminhar, o tom de sua voz, sua maneira de falar e suas expressões ou a palavra será meio merecimento.’ ‘Tudo isso deve possuir’, acrescentou Darcy, ‘e a tudo isso ela ainda deve adicionar algo mais substancial, no aprimoramento de seu espírito com uma ampla leitura’ (AUSTEN, 2012, p. 51-53).

Desse modo, Jane Austen nos mostra que, “suas narrativas denunciam as amarras sociais e a falta de liberdade e oportunidades, principalmente em relação às mulheres, e ensaiam situações que subvertem e questionam aquele modo de ordem social opressiva e autoritária” (AZERÊDO, 2013, p. 25). Isso será novamente mostrado no capítulo 56, na nossa edição de 2012, em que Miss Elizabeth Bennet enfrenta Lady Catherine, quando esta questiona a protagonista sobre o possível noivado de Lizzy com Darcy. Importunada por



Lady Catherine de Bourgh, após essa ter lhe ofendido de todas as maneiras, Miss Elizabeth Bennet a responde:

‘[...] Não serei intimidada por qualquer coisa em nada tão e totalmente irracional. Sua senhoria deseja que Mr. Darcy se case com sua filha; mas ao dar minha tão desejada promessa, fará com que o casamento se torne mais provável? Suponha que ele esteja ligado a mim, seria a minha recusa em aceitar a mão dele que o fará desejar investir na prima dele? Permita-me dizer, Lady Catherine, que os argumentos com os quais apoia este extraordinário pedido são tão frívolos quanto equivocados. Você se equivocou em muito quanto ao meu caráter, se pensa que posso ser manipulada por tais argumentos como estes. Não posso dizer o quanto seu sobrinho poderia aprovar sua interferência em seus assuntos; mas você não tem o direito, certamente, de se impor sobre os meus. Devo implorar, portanto, que não seja mais importunada sobre esta questão’ (AUSTEN, 2012, p. 409-411).

Em acréscimo à sua insatisfação com Lady Catherine de Bourgh, Miss Elizabeth Bennet ainda acrescenta com o seguinte comentário:

‘[...] Você não pode ter mais nada a dizer’, ela respondeu ressentida. ‘Insultou-me de todas as formas possíveis. [...] Estou apenas decidida a agir da maneira que irá, em minha opinião, constituir minha felicidade, sem referência a você ou a qualquer outra pessoa completamente sem vínculo comigo [...]’. Devo pedir que volte para casa.’ ‘Nem o dever, nem a honra, nem a gratidão’, respondeu Elizabeth, ‘têm qualquer reivindicação sobre mim, no caso atual. Nenhum princípio destes poderia ser violado pelo meu casamento com Mr. Darcy. E, sobre o ressentimento da família dele ou sobre a indignação do mundo, se o anterior for suscitado por ele se casar comigo, isso não me daria nenhum momento de preocupação... e o mundo em geral teria muito sentido em se juntar ao escárnio’ (AUSTEN, 2012, p. 411).

Portanto, essas falas de enfrentamento da protagonista são totalmente contrastantes com a postura e personalidade neutra, conformista, obediente, subordinada, cândida e submissa. Isto é, características correspondentes às do “Anjo do Lar” (Cf. WOOLF, 2019, p. 11-12); esperadas pelas moças de seu contexto sócio, histórico, político e cultural. Então, no que consiste às características de uma “mulher prendada” na sociedade Inglesa do século XIX, a teórico-crítica Adriana Sales Zardini (2013) nos diz que:

As habilidades desejáveis para uma moça da época estavam relacionadas basicamente aos conhecimentos que poderiam ser empregados na esfera familiar mesmo, como: línguas, conhecimentos básicos de geografia e história, música, pintura ou desenho, bordado e dança. [...] Por outro lado, ser uma boa pianista (pianoforte) atraía muita atenção, principalmente dos futuros pretendentes; assim, a moça seria capaz de entreter as visitas em sua futura casa. Moças de família, mesmo

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

com poder aquisitivo alto almejavam possuir habilidades relativas ao desenho e pintura em aquarela. Ser uma boa bordadeira era motivo de orgulho para a família da moça ou para o marido, já que seus trabalhos com a agulha poderiam ser expostos nas salas de visitas e apreciados por todos (ZARDINI, 2013, p. 02).

Com relação ao segundo ponto em tela, que diz respeito à ruptura de Elizabeth Bennet com o padrão comum de “mulher prendada” para o contexto oitocentista inglês, fica bem claro no seguinte trecho, em uma conversa entre Mr. Fitzwilliam Darcy, Miss Caroline Bingley, Mr. Charles Bingley, Mrs. Louise Hurst e Mr. Hurst, na propriedade de Netherfield Park; no momento quando Miss Elizabeth Bennet está no quarto da mansão acompanhando a sua irmã enferma, Miss Jane Bennet:

‘Não tem nada, em suma, a recomendá-la, além de ser uma excelente andarilha. Nunca esquecerei sua aparência essa manhã. Parecia realmente uma selvagem.’ Caminhar três milhas, ou quatro, ou cinco, ou quantas forem, com seus calcanhares na sujeira, e sozinha, totalmente sozinha! O que ela pretende com isso? Parece-me mostrar um tipo abominável de presumida independência, uma indiferença interiorana ao decoro.’ ‘De fato, parecia, Louisa. Mal pude conter meu semblante. Vir até aqui não teve cabimento! Por que ela deveria disparar pelos campos, por causa da gripe de sua irmã? O cabelo dela, tão desalinhado, tão desgrenhado!’ ‘Sim, e sua anágua; espero que tenha visto a anágua dela, seis polegadas afundada na lama, estou absolutamente certa; e o vestido que foi usado para escondê-la não cumpriu com o seu dever’ (AUSTEN, 2012, p. 47).

Mais adiante, vemos que Charles Bingley afirma que Elizabeth Bennet não desfruta dos mesmos prazeres que os demais, ou seja, os jogos, como o carteadado, e ao invés disso, ela prefere ler. O que, de certo modo, atrai a reprovação de muitos, pois não fazia parte das tarefas de uma dama prendada georgiana inglesa, uma vez que elas eram privadas do acesso ao conhecimento. Portanto, essa atitude reafirma novamente a transgressão de Elizabeth Bennet com relação à configuração do feminino e às normas de condutas a serem seguidas por uma mulher georgiana respeitável:

‘Você prefere ler ao baralho?’, disse ele; ‘isso é muito singular.’ ‘Miss Eliza Bennet’, disse Miss Bingley, ‘despreza o carteadado. Ela é uma grande leitora e não encontra prazer em mais nada.’ ‘Não mereço elogios nem censuras’, exclamou Elizabeth; ‘não sou uma grande leitora e tenho prazer com muitas coisas.’ ‘Estou certo de que tem prazer em cuidar de sua irmã’, disse Bingley; ‘e espero que este logo seja aumentado ao vê-la bem restabelecida.’ Elizabeth agradeceu-lhe com sinceridade e então caminhou para a mesa onde estavam alguns livros. Ele imediatamente se prontificou a buscar outros – tudo o que sua biblioteca

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

proporcionava. 'Eu gostaria que minha coleção fosse maior para o seu proveito e meu próprio crédito; mas sou um rapaz ocioso e embora não tenha muitos, tenho mais do que já li.' Elizabeth lhe garantiu que poderia se arranjar perfeitamente com aqueles que estavam na sala (AUSTEN, 2012, p. 49).

Nessa parte da narrativa, vemos os elogios do Mr. Bingley dirigidos à protagonista, assim como, a surpresa do grupo em saber que Miss Elizabeth Bennet é uma leitora assídua, o que, de certo modo, está em desacordo com a conduta das moças georgianas inglesas. Ao mesmo tempo, no primeiro trecho exposto aqui, percebemos uma repulsa das irmãs Mrs. Louise Hurst e de Miss Caroline Bingley com relação ao contraste de Elizabeth Bennet com os hábitos e temperamento das moças da sua idade. Ainda, diante dessas reflexões do grupo de Netherfield Park, percebemos que Elizabeth Bennet se apresenta como uma personagem que podemos considerar como transgressora para o seu tempo. Primeiro, por não atender às características de uma “mulher prendada” (Cf. AUSTEN, 2012, p. 51) para a sua época. Segundo, por ela romper com as convenções sociais de seu contexto, não seguindo o esperado como norma. Ela demonstra discurso próprio, dotado de inteligência, sagacidade. Sua arma contra a construção social para o feminino, nesse diálogo, é a utilização de uma fala irônica.

Então, no que concerne à condição da mulher nesse contexto patriarcal do qual *Orgulho e Preconceito* (2012 [1813]) nos revela, Katherine Murray Millett (1934-2017), em seu livro intitulado *Sexual Politics (Política Sexual – 1970)*, nos diz que:

A principal instituição do patriarcado é a família. É ao mesmo tempo um espelho e uma conexão com a sociedade maior; uma unidade patriarcal dentro de um todo patriarcal. Mediando entre o indivíduo e a estrutura social, a família efetua o controle e a conformidade quando as autoridades políticas e outras são insuficientes. Como o instrumento fundamental e a unidade básica da sociedade patriarcal, a família e seus papéis são prototípicos. Servindo como um agente da sociedade mais ampla, a família não apenas encoraja seus próprios membros a se ajustarem e se conformarem, mas também atua como uma unidade no governo do estado patriarcal que governa seus cidadãos por meio de seus chefes de família. Mesmo em sociedades patriarcais onde são concedidas cidadania legal, as mulheres tendem a ser governadas apenas pela família e têm pouca ou nenhuma relação formal com o Estado (MILLETT, 1970, p. 33, grifos nossos, tradução nossa).



Levando em consideração o exposto por Kate Millett (1970), principalmente, no que concerne às famílias oitocentistas inglesas que não têm primogênitos homens para assumir a herança da família, Zardini (2013) nos revela que:

Como a família era a base de sustento de todas as moças pertencentes à classe média e à aristocracia daquela época, era de se esperar que o pai deixasse uma certa quantia após sua morte ou que os irmãos ficassem com a responsabilidade de ajudar as irmãs solteiras. A lei apoiava o direito de primogenitura, apenas se o filho fosse do sexo masculino, caso a família não tivesse varões, a herança seria transmitida ao parente masculino mais próximo, facilitando assim, que todas as propriedades e fontes de renda da família ficassem sempre em nome da mesma, por várias gerações [...] (ZARDINI, 2013, p. 03).

Assim, com relação à posição das mulheres de classe média e da classe aristocrata inglesa, diante dessa reflexão de Zardini (2013) acima, resta a elas recorrerem ao único porto seguro para um futuro socioeconômico estável: o matrimônio. A esse respeito, Adriana Zardini (2013) afirma que:

O casamento ainda era visto como uma instituição econômica, apesar dos finais felizes, as mulheres de Austen ainda se casavam para manter um status quo. Apesar de o casamento ser importante nos romances, o foco principal de Austen é a situação da mulher na sociedade inglesa de sua época. Em todos os seus livros, Austen retrata as mulheres vivendo em uma sociedade onde a educação não libertava as mulheres, apenas restringia ainda mais a sua situação (ZARDINI, 2013, p. 07, grifos nossos).

De acordo com o que a pesquisadora e teórico-crítica Adriana Sales Zardini (2013) fala no trecho acima, vemos claramente em *Orgulho e Preconceito* (2012 [1813]) o motivo real do matrimônio na sociedade Inglesa do século XIX, pois este passa a ser a única salvação econômica das irmãs Bennet, e não apenas destas, já que a sociedade patriarcal não permite à mulher o direito à herança.

Destarte, tendo consciência do papel da mulher no contexto georgiano inglês, além de seu direito em herdar a propriedade de Longbourn, Mr. William Collins tenta juntar o útil ao agradável e pede a mão de Miss Elizabeth Bennet em casamento. Mas o pedido é negado, causando um mal-estar entre ela e a sua mãe, Mrs. Bennet. Tendo em vista que, esta última estava com a esperança tanto de casar uma de suas filhas, quanto de, ao mesmo tempo,



usufruir da situação que lhe permitia tentar manter a propriedade e os bens da família com uma de suas moças; – embora que sob a posse de seu marido – e com isso, eliminar o risco de suas outras filhas ficarem desabrigadas, caso o seu pai falecesse e elas ainda não estivessem casadas.

Então, Elizabeth Bennet responde ao pedido de casamento do Mr. William Collins da seguinte forma:

‘Você é muito precipitado, meu senhor’, ela exclamou. ‘Você se esquece que eu nada respondi. Deixe-me fazê-lo sem perda de tempo. Aceite meus agradecimentos pelo elogio que presta a mim. Sou muito sensível à honra de suas propostas, mas me é impossível fazer qualquer outra coisa senão declinar delas’ [...]. ‘Estou perfeitamente fiel à minha recusa. Não poderia me fazer feliz e estou convencida de que sou a última mulher no mundo que lhe poderia fazê-lo. Não, se sua amiga Lady Catherine me conhecesse, estou convencida que achar-me-ia a mais inapta para a situação sob todos os aspectos’ (AUSTEN, 2012, p. 131).

O Mr. William Collins insiste, e em resposta à sua insistência, Miss Elizabeth Bennet reafirma a sua recusa em aceitar o pedido de casamento dele:

‘[...] Realmente, Mr. Collins’, exclamou Elizabeth com algum ardor, ‘você me confunde em demasia. Se o que eu disse até agora pode lhe parecer como uma forma de encorajamento, não sei como expressar a minha recusa de forma a convencê-lo sobre realmente ser uma’ [...]. ‘Eu lhe asseguro, meu senhor, de que não tenho pretensão alguma quanto a este tipo de elegância que consiste em atormentar um homem respeitável. Preferiria ser considerada uma pessoa sincera. Agradeço-lhe muito pela honra que me fez com suas propostas, mas aceitá-las é completamente impossível. Meus sentimentos me proíbem em todos os aspectos’ (AUSTEN, 2012, p. 131-133).

Embora o Mr. William Collins pense que a recusa de Elizabeth ao seu pedido de casamento seja apenas “pureza, meiguice, inocência, delicadeza, elegância, arte e manhas do sexo feminino” (Cf. WOOLF, 2019, p. 12), encorajando-o, assim, a um segundo pedido, Miss Elizabeth Bennet deixa bem claro que não tem afeição o suficiente para um casamento. Mr. Collins expõe a situação financeira e a posição social de Elizabeth como um incentivo para que ela aceite um pedido de casamento meramente por convenção. Mas, isso vai contra os pensamentos de Elizabeth Bennet. Portanto, é nesse momento que a protagonista confessa aos seus pais que não desposará de um homem sem afeição, que não se entregará apenas



para garantir um futuro socioeconômico estável, mas que se casará com alguém que mereça o seu afeto e que o retribua, ou seja, “casar-se por afeição”, e não “por conveniência” (Cf. AUSTEN, 2012).

Uma segunda recusa de pedido de casamento irá acontecer quando Mr. Fitzwilliam Darcy declara suas intenções para Miss Elizabeth Bennet, em Kent, na propriedade de Hunsford:

De modo apressado, ele imediatamente começou a perguntar sobre a saúde dela, atribuindo sua visita a um desejo de saber se estava melhor. Ela respondeu com fria civilidade. Ele se sentou por uns instantes, e então se levantou, andando pelo cômodo. Elizabeth ficou surpresa, mas não disse nada. Depois de um silêncio de muitos minutos, ele foi até ela de forma agitada e assim começou: ‘Tenho lutado em vão. Não resistirei. Meus sentimentos não serão reprimidos. Você deve permitir que eu lhe diga o quão ardentemente eu a admiro e a amo’ [...] (AUSTEN, 2012, p. 221).

Logo depois de uma pausa:

Ele concluiu descrevendo para ela a força daquela ligação que, apesar de seus esforços, ele achara impossível subjugar; e expressou sua esperança de que agora tudo seria recompensado com a aceitação, por parte dela, de seu pedido. Enquanto dizia isso, ela podia facilmente ver que ele não tinha nenhuma dúvida quanto a uma resposta favorável (AUSTEN, 2012, p. 221).

Em resposta à declaração do Mr. Fitzwilliam Darcy, Miss Elizabeth Bennet infere:

‘Em casos como este, acredito que é o modo estabelecido de expressar um sentido de obrigação pelos sentimentos declarados, embora eles possam ser retribuídos desigualmente. É natural que a obrigação seja sentida e, se pudesse sentir gratidão, eu agora lhe agradeceria. Mas não posso – nunca desejei que pensasse bem de mim, e você certamente investiu muito contra sua vontade. Lamento ter causado dor a alguém. Foi inconsciente e espero que seja de curta duração. Os sentimentos que me relata há muito evitaram o reconhecimento de sua consideração e podem ter pouca dificuldade em superá-la, depois desta explicação’ (AUSTEN, 2012, p. 221).

Em resposta à declaração do cavalheiro, Elizabeth recusa a sua afeição por ela, desapontando-o. No entanto, a justificativa de sua recusa diz respeito ao fato de que Mr. Fitzwilliam Darcy separou Mr. Charles Bingley de sua irmã Miss Jane Bennet; a negação da herança de Mr. George Wickham; além da personalidade orgulhosa, preconceituosa, e arrogante de Fitzwilliam Darcy. Assim, a junção de todos esses fatores e a confissão de Mr.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Darcy sobre ter feito tudo isso, a conscientizou a não aceitar a sua afeição. Mr. Darcy, em consequência disso, ficou desapontado e magoado.

Após a discussão, Elizabeth reflete e se arrepende de tê-lo tratado da forma como ela o tratou, mas, ao mesmo tempo, lembrou-se das atrocidades que ele fez contra o possível relacionamento entre a sua irmã Miss Jane Bennet e Mr. Charles Bingley. Com isso, Elizabeth Bennet deixa claro que não sente afeição por ele, e reafirma a sua opinião que estabeleceu desde o início do romance, de que, para ela, o casamento não deve ser por convenções, e sim, por amor. O que, de certa maneira, é destoante da configuração do casamento para o seu contexto histórico, político e cultural, uma vez que, segundo Ellen Biguelini (2009), a maioria dos casamentos de sua época era por conveniência.

Outro ponto que destaca a protagonista em relação ao comportamento esperado para o feminino, diz respeito ao modo como ela encara o casamento. A obra apresenta dois tipos de casamentos: o “casamento por amor” ou o “casamento por convenção”. Na opinião de Elizabeth, o casamento feliz e o que beneficia tanto o homem quanto a mulher é aquele em que ambos se casam por amor, e não por outros tipos de interesses que não sejam os sentimentais. Assim, vamos vê-la se posicionando sobre diferentes propostas de união entre os personagens.

Sendo assim, vemos o posicionamento da protagonista com relação ao casamento de forma explícita no seguinte trecho, em uma conversa que Miss Elizabeth Bennet tem com sua amiga, Miss Charlotte Lucas. Visto que, Charlotte Lucas defende o casamento por conveniência, e não por afeição, Elizabeth Bennet, ao contrário, reprovava a opinião de sua amiga dizendo o seguinte:

‘Seu plano é muito bom’, replicou Elizabeth, ‘onde nada está em questão além do desejo de se casar bem e se eu me determinasse a conseguir um marido rico, ou qualquer marido, ousaria dizer que o adotaria. Mas estes não são os sentimentos de Jane; ela não age com um objetivo. Por enquanto, ela nem pode estar certa do grau de sua própria consideração ou de sua consciência. Ela o conhece apenas há uma quinzena. Dançou quatro vezes com ele em Meryton; ela o viu uma vez na própria casa dele e, desde então, jantou quatro vezes, com ele e os outros. Isso não é o suficiente para fazê-la compreender seu caráter’ (AUSTEN, 2012, p. 31-33).



Ao lermos a citação acima, vemos claramente o posicionamento de Miss Elizabeth Bennet com relação aos sentimentos dentro do casamento quando ela menciona que o plano de Miss Charlotte Lucas seria ótimo, caso ela quisesse um marido rico. Desse modo, conseguimos constatar que os pensamentos de Lizzy são realmente destoantes das opiniões das moças de sua idade. Pois, como já expusemos acima, ela recusa o pedido de casamento do Mr. Fitzwilliam Darcy, que segundo Austen (2012, p. 19), ele é um dos homens mais ricos e influentes do norte da Inglaterra, o que comprova o que ela sempre afirmou: “que não casaria sem afeição” (Cf. AUSTEN, 2012). Diante disso, vemos que Miss Elizabeth Bennet se apresenta com uma personalidade divergente das demais moças de seu contexto, um exemplo disso, é o contraste entre ela e suas irmãs não só no quesito matrimônio, mas em todos os outros que envolvem direta ou indiretamente o futuro socioeconômico das jovens provincianas inglesas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisarmos a protagonista do romance histórico e regionalista *Orgulho e Preconceito* (2012 [1813]), de Jane Austen (1775-1817), identificamos alguns aspectos que contribuem para a construção da personalidade e do posicionamento dessa personagem feminina ao longo da narrativa. Portanto, com relação à Miss Elizabeth Bennet, conseguimos caracterizá-la, através de suas ações, como uma representação do feminino no que diz respeito à subversão, à transgressão e à transcendência. Desse modo, conseguimos listar alguns aspectos que a caracteriza com tal configuração, tais como: a postura transgressora, a personalidade forte, o não conformismo e a rebeldia da protagonista. Outro aspecto se refere à recusa aos dois pedidos de casamento feitos por Mr. William Collins e por Mr. Fitzwilliam Darcy, apresentando-a como uma moça que quebra os padrões de sua época, pois ela corre o risco de se tornar uma solteirona e ser apontada pela sociedade como inadequada.

Além disso, vemos que Elizabeth Bennet rompe com o padrão comum de “mulheres prendadas” para o contexto oitocentista inglês, pois ela tem atitudes que estão em desacordo com as convenções de seu tempo, no que concerne aos bons modos, à etiqueta e à sagacidade



no seu discurso. Ademais, a sua afirmação em casar-se apenas por afeição e não por obrigação, a configura como uma moça subversiva em um contexto no qual a submissão da mulher à estrutura patriarcal é rigorosa e atuante.

Assim, ao estudarmos brevemente a protagonista e ao elencarmos elementos com relação à postura, à personalidade e ao comportamento da personagem feminina analisada, vemos que, ao levarmos em consideração o contexto sócio, histórico, político e cultural da Era Georgiana Inglesa, Elizabeth Bennet apresenta-se como transgressora e subversiva, por quebrar com diversos padrões de sua época, desde o seu modo de se vestir até o seu discurso; e a tentativa de construção de um lugar de fala em um contexto patriarcal repressivo, onde a mulher não tinha vez nem voz perante a sociedade. Dessa forma, Miss Elizabeth Bennet seria, de acordo com Lúcia Osana Zolin, em seu texto intitulado *Crítica Feminista* (2009), uma *mulher-sujeito*, pois ela “é marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu poder de decisão, dominação e imposição” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Em suma, vemos que, é através de suas personagens femininas, que Jane Austen (1775-1817) constrói uma representação do feminino baseado em seu contexto, onde a mulher vive em uma sociedade androcêntrica, alicerçada nos preceitos do sistema patriarcal, e que se encontravam totalmente à mercê dos homens em todas as esferas sociais, principalmente, no que concerne à esfera civil. Tendo em vista que, essas mulheres que não são ricas têm como única saída em um contexto patriarcal, a instituição do casamento como uma forma de garantir a sua subsistência e o respeito social. Diante dessas circunstâncias todas, ao contrário das personagens femininas que permeiam o romance, Austen (2012 [1813]) constrói Miss Elizabeth Bennet como uma personagem que refuta e vai contra os moldes de uma dama georgiana inglesa; não por acaso, mas como uma forma de denúncia a respeito de uma sociedade opressiva à mulheres na qual ela estava inserida.

Contudo, apesar de Miss Elizabeth Bennet se casar com Mr. Fitzwilliam Darcy no final do romance, – como é o esperado de uma “mulher prendada” na Era Georgiana Inglesa – ela se casa “por afeição, e não por conveniência”, não se submetendo, desse modo, às exigências de seu contexto. Em resumo, mesmo cedendo ao casamento, mais uma vez, a protagonista quebra os padrões oitocentistas ingleses, pois ela se dá o direito de “decidir se”



ela quer casar ou não, e com “quem” ela quer casar. Visto que, em seu contexto sócio, histórico, político e cultural, não é permitido à mulher “deter o poder de decisão”, mas de se submeter, acatar e honrar a decisão de outrem, nesse caso, de se submeter à decisão dos homens, o que não é o caso de Miss Elizabeth Bennet. Em conclusão, a partir das características da personagem analisada, podemos considerar um feminismo possível para Elizabeth Bennet, em consequência do fato de que ela não atende à representação do feminino esperado das mulheres na Inglaterra Georgiana.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane (1775-1817). **Orgulho e Preconceito – Pride and Prejudice.** / Jane Austen; (Tradução e Notas de Marcella Furtado). – São Paulo: Editora Landmark, 2012.

AUSTEN-LEIGH, James Edward (1798-1874). **Uma memória de Jane Austen.** / James Edward Austen-Leigh. Tradução de José Loreiro e Stephanie Savalla. – Domingos Martins, Vitória, ES: Pedra Azul, 2014.

AZERÊDO, Genilda. As Protagonistas de Jane Austen e a Ruptura com as Convenções Sociais. In: **Para Celebrar Jane Austen: diálogos entre literatura e cinema.** / Genilda Azerêdo. – 1. ed. – Curitiba: Appris, 2013. p. 21-43.

BEAUVOIR, Simone de (1908-1986). Volume I – Fatos e Mitos. In: **O Segundo Sexo.** / Simone de Beauvoir; tradução de Sérgio Milliet. – 2.ª ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. 2 v.

BIGUELINI, Ellen. **O Triunfo do Casamento por Amor: Jane Austen e o Matrimônio.** / Ellen Biguelini. 2009. 52 f. Monografia. (Graduação em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.generos.ufpr.br/files/78ec-monografia-ellen-biguelini.pdf>. Acessado em: 20 de abril de 2020.

BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências.** / Thomas Bonnici. Maringá: Eduem, 2007.

BYRNE, Paula (1967). **A Verdadeira Jane Austen: Uma Biografia Íntima.** / Paula Byrne. Tradução de Rodrigo Breuning. – 1.ª Edição. – Porto Alegre [RS]: L&PM, 2018.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

CEVASCO, Maria Elisa. SIQUEIRA, Valter Lellis. 5. O Romantismo: a aventura da imaginação. In: **Rumos da Literatura Inglesa**. / Maria Elisa Cevasco e Valter Lellis Siqueira. Coleção Princípios – 5.^a Edição. – São Paulo: Editora Ática, 1999. p. 46-52.

EAGLETON, Terryson (1943). **The English Novel: An Introduction**. / Terryson Eagleton. First Edition. Oxford, England: Blackwell Publishing Ltd, 2005.

GREENBLATT, Stephen. ABRAMS, M. H. Jane Austen (1775-1817). In: **The Norton Anthology of English Literature** / Stephen Greenblatt (1943), general editor; M.H. Abrams (Meyer Howard, 1912), founding editor emeritus. – 8th ed. Volume 2. p. cm. – New York: W. W. Norton & Company, 2005. p. 514-536.

MCKEON, Richard. **Pride and Prejudice: Thought, Character, Argument, and Plot**. In: *Critical Inquiry*. Vol. 5. N. ° 3, p. 511-127, (Spring, 1979). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/1342999?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Acessado em: 22 de abril de 2020.

MACEDO, Ana Gabriela. AMARAL, Ana Luísa. **Dicionário da crítica feminista**. / Ana Gabriela Macedo e Ana Luísa Amaral (Orgs.). Porto: Edições Afrontamento/Edição das Autoras, 2005.

MILLETT, Kate (1934-2017). **Sexual Politics** (Kate Millett – 1968). In: *Women and Marxism*. Marxist Internet Archive (MIA). Sally Ryan, 2003. Disponível em: <https://www.marxists.org/subject/women/authors/millett-kate/sexual-politics.htm>. Acesso em: 22 de abril de 2020.

MILLETT, Kate (1934-2017). **Sexual Politics**. / Kate Millett. University of Illinois Press, Urbana and Chicago. New York: Doubleday, 1970.

MURARO, Rose Marie (1932-2014). **A mulher no terceiro milênio: uma história através dos tempos e suas perspectivas para o futuro**. / Rose Marie Muraro. – 8.^a edição. – Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 2002.

NEVES, Flávia. RIBEIRO, Débora. Significado de “Sexista”. In: **DICIO: Dicionário Online de Português**. / Flávia Neves e Débora Ribeiro. Porto: 7Graus, 2019. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/sexista/>. Acessado em: 20 de abril de 2020.

NEWTON, Judith Lowder. **Pride and Prejudice: Power, Fantasy, and Subversion in Jane Austen**. *Feminist Studies*. Vol. 4. N. ° 1. p. 27-42, (February, 1978). Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/3177624?origin=JSTOR-pdf&seq=1>. Acessado em: 20 de abril de 2020.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história:** operários, mulheres e prisioneiros. / Michelle Perrot. Tradução de Denise Bottmann. – 6.^a Reimpressão – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2010.

PONTES, Francisco Edinaldo de. **Uma leitura das personagens Elizabeth e Jane em uma perspectiva feminista, no romance *Orgulho e Preconceito*, de Jane Austen.** / Francisco Edinaldo de Pontes. – 2019. 118p. Trabalho de Conclusão de Curso – Monografia (Graduação em Letras-Inglês). – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2019.

SANDERS, Andrew. The Literature of the Romantic Period (1780-1830) – Austen, the ‘Regional’ Novel, and Scott. In: **The Short Oxford History of English Literature.** / Andrew Sanders. Oxford University Press. – First Edition. – New York: Clarendon Press, 1994. p. 368-377.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **A Crítica Feminista na mira da Crítica.** *Ilha do Desterro.* Florianópolis, n. ° 42, p. 103 a 125, jan. /jun. 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro/article/view/7462/6843>. Acesso em: 10 de abril de 2020. Às 18h e 44min.

THORNLEY, G. C. ROBERTS, Gwyneth. CHAPTER ELEVEN: Nineteenth-century novelists. In: **An Outline of English Literature.** / G. C. Thornley and Gwyneth Roberts. New Edition. Edinburgh Gate, Harlow. Essex, England: Logman Pearson Education Limited Ltd, 2003. p. 114-133.

WOOLF, Virgínia (1882-1941). Profissão para as mulheres. In: **Profissão para as mulheres e outros artigos feministas** / Virgínia Woolf; tradução de Denise Bottmann. – Porto Alegre, RS: L&PM, 2019. 112 p.

ZARDINI, Adriana Sales. **A Identidade Feminina na Obra ‘Orgulho e Preconceito’ de Jane Austen.** Anais do SILEL. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2049.pdf. Acesso em: 29 de abril de 2020.

ZINANI, Cecil Jeanine Albert. **Crítica Feminista:** uma contribuição para a história da literatura. In: *IX Seminário Internacional de História da Literatura*, 2012, Porto Alegre. Anais [recurso eletrônico] /9. Seminário Internacional de História da Literatura. Porto Alegre: Edipucrs, 2011. p. 407-415. Disponível em: <https://editora.pucrs.br/Ebooks/Web/978-85-397-0198-8/Trabalhos/18.pdf>. Acesso em: 12 de abril de 2020.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica Feminista. In: **Teoria Literária:** abordagens históricas e tendências contemporâneas. / organização Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. – 3. ed. rev. e ampl. – Maringá: EDUEM, 2009. p. 217-242.



JANE AUSTEN, LEITURA DE NINAR PARA GAROTAS REBELDES E FEMINISTAS

Cristiane de Mesquita Alves¹⁴

Resumo: O objetivo deste trabalho é apresentar Jane Austen – enquanto mulher extraordinária, protagonista de sua própria história, confrontando os valores falocêntricos da sociedade em que viveu, e que categorizava a mulher a um papel de inferioridade, objetivante frente ao sujeito homem – com base na leitura do livro *Histórias de ninar para garotas rebeldes*, projeto das autoras Cavallo e Favilli (2018) destinado à apresentação de mulheres que mudaram a História da humanidade a partir de suas ações e atitudes inovadoras para crianças – leitoras em formação, e que Jane Austen está inserida neste catálogo selecionado por estas pesquisadoras. Para tanto, este estudo, por se concentrar na figura de Jane Austen – mulher real, como exemplo para futuras mulheres, partiu-se da análise interpretativa dos pressupostos teóricos de Diniz (2015) no que tange à questão do reconhecimento e valorização do feminino naquilo que denominou de mulherificar-se; Tiburi (2018) quanto à questão dos conceitos feminino/feminismo, bem como Del Priori (2013) no entendimento do contexto histórico sobre o papel social da mulher no século XIX; Butler (2017) no que se refere ao relato de si como parte de estudo fundamental em uma narrativa; além dos textos reflexivos de bell hooks (2019) e Chimamanda Ngozi Adiche (2019) sobre a importância de ensinar o feminismo as garotas na infância. Ademais, esta investigação sobre Austen fundamentou-se em mais dois estudos: o de Magalhães Júnior (2005) e Eric Lindstrom (2011) acerca dos dados biográficos da autora.

Palavras-chave: Jane Austen. Mulher. Feminismo. Garota rebelde.

Abstract: The objective of this work is to present Jane Austen - as an extraordinary woman, protagonist of her own history, confronting the phallogocentric values of the society in which she lived, and who categorized the woman to a role of inferiority, objectively towards the male subject - based reading the book *Good Night Stories for Rebel Girls*, a project by the authors Cavallo and Favilli (2018) aimed at presenting women to children - young readers, who changed the history of humanity through their innovative actions and attitudes, and that Jane Austen is inserted in this catalog selected by these researchers. Therefore, this study, by focusing on the figure of Jane Austen - real woman, as an example for future women, started from the interpretative analysis of Diniz (2015) theoretical assumptions regarding the issue of the recognition and valorization of the feminine in that called womanizing; Tiburi (2018) on the issue of feminine / feminist concepts, as well as Del Priori (2013) in understanding the historical context on the social role of women in the 19th century; Butler (2017) with regard to self-reporting as part of a fundamental study in a narrative; in addition to the reflective texts by bell hooks (2019) and Chimamanda Ngozi Adiche (2019) on the importance of teaching girls about feminism in childhood. Furthermore, this investigation on Austen was based on two more studies: that of Magalhães Júnior (2005) and Eric Lindstrom (2011) about the author's biographical data.

Keywords: Jane Austen. Woman. Feminism. Rebel Girl.

¹⁴ ALVES, Cristiane de Mesquita. Doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC-UNAMA/Bolsista Prosup/CAPE). Professora de Literatura da Universidade do Estado do Pará (UEPA). Integrante do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico (GITA). Belém- Pará. cris.tesouro@gmail.com / cris.mesquita28@hotmail.com



PARA INTRODUIZIR JANE, PARA CRIANÇAS REBELDES E FEMINISTAS

Ah! Nada como o verdadeiro conforto do lar. (AUSTEN, 2018, p. 83).

A citação acima, escrita por Jane Austen, foi a escolhida por Francesca Cavallo e Elena Favilli para compor uma das páginas do livro de Literatura Infanto-juvenil *Histórias de ninar para garotas rebeldes*. Uma coletânea formada por dois volumes, cada um constituído por cem fábulas sobre mulheres extraordinárias que marcaram a História da humanidade, em diferentes categorias, profissões e histórias de vida. O livro não contém só escritoras de Literatura, há outras mulheres extraordinárias.

A proposta do livro é apresentar às crianças, as jovens leitoras, pequenas narrativas que dialogam a princípio com a vida da autora – uma apresentação dessas mulheres e seus pensamentos – e que vão aos poucos, traçando um discurso das personagens criadas por essas escritoras ou artistas, responsáveis por impulsionar a curiosidade dessas pequenas em lerem a obra e em conhecerem mais o pensamento de cada uma dessas mulheres que de seu modo peculiar, souberam confrontar o patriarcalismo e a buscar seu lugar de fala, no processo de mulherificar-se (DINIZ, 2015), como uma forma de experimentar o corpo sexado sob o regime do gênero, perante a uma realidade social de opressão.

Dentre estas mulheres extraordinárias e com esta voz feminista como representante da mulher do século XIX, que inspira exemplo para a criança ser educada como criança feminista, lembrando-se do manifesto de Chimamanda Ngozi Adiche (2019), está a escritora inglesa Jane Austen – responsável pela criação de um rico painel de personagens feministas que fizeram de suas palavras, gestos e comportamentos um panorama de exemplos do que seja ser mulher, como sujeito e protagonista de sua própria vida, mesmo em tempos sociais em que o falocentrismo as colocassem na categoria dos papéis sociais na condição de inferior.

Jane por meio de sua vida e de sua obra incorporou a resistência feminista “feito de palavras e gestos na forma de pensar, organizar e gerir sociedades e direitos; é uma forma de ver e mover-se no mundo”. (DINIZ, 2015, p. 47- 49), por este motivo, sua história como



mulher ganha curiosidade por parte dos leitores, dos jovens leitores tanto quanto suas personagens.

Neste sentido, este texto tem o objetivo de falar de Jane, Jane Austen – enquanto mulher extraordinária para ser contada para crianças que precisam crescer e ser educadas em uma sociedade que compreenda que é necessário descosturar o nó que amarra a concepção de mulher em uma categoria menor, em um sexo que limita suas ações, por ela ter nascido mulher; desconstrua “os estereótipos de gênero [que] são profundamente incutidos em nós que é comum os seguirmos mesmo quando vão contra nossos verdadeiros desejos, nossas necessidades, nossa felicidade.” (ADICHE, 2019, p. 28). Isso Jane Austen o fez ao longo de sua vida, em suas escritas, por este motivo, torna-se crucial divulgar, apresentar a autora inglesa que mudou o modo de pensar a Literatura de seu tempo, e ensinar mulheres, e, agora crianças desde os tempos ternos, na proposta das autoras desta coletânea, que o lugar da mulher, pode parecer clichê, mas é onde ela queira estar.

Deste modo, baseado em algumas revisões de literatura feminista e na leitura da fábula do livro *Histórias de ninar para garotas rebeldes*, sobretudo no que diz respeito à Jane Austen, a próxima seção deste trabalho, encarrega-se de demonstrar como as autoras deste livro destacam Jane Austen e como os discursos feministas selecionados para esta análise literária interpretativa usados como pressupostos teóricos serviram para alicerçar a discussão de que Jane Austen ensina meninas rebeldes a serem feministas.

JANE, A MULHER EXTRAORDINÁRIA DE GAROTAS REBELDES

Jane Austen está entre as cem mulheres reais escolhidas pelas autoras Cavallo e Favilli (2018) para compor o volume 1 da coletânea do livro *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*. Jane desfila com outras artistas, cientistas, estilistas, atletas e políticas, como Frida Kahlo, a estilista francesa Coco Chanel, a rainha inglesa Elizabeth I, a cantora Nina Simone, as tenistas Serena e Venus Williams, a aviadora Amelia Earhart, a brasileira Cora Coralina e outras, no catálogo feminista das histórias infantis – pensado para crianças, longe das histórias

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

de princesas ingênuas e incapazes que não podem resolver seus próprios problemas, costumeiramente apresentadas como histórias, antes de dormir para crianças.

Jane, assim como essas cem mulheres, ou melhor, duzentas se levar em conta, toda a coletânea, é indicada como um exemplo feminista para as crianças atuais, e como elas devem ouvir e aprender sobre mulheres que pensaram à frente de seu tempo para mudar o mundo.

Embora as fábulas como sejam chamadas pelas autoras do livro sobre o texto que descreve essas duzentas mulheres representativas sejam curtas e com uma linguagem acessível e cotidiana para se aproximar da linguagem da criança e da contação de histórias, elas trazem um conteúdo crítico e reflexivo sobre opiniões, comportamentos dessas mulheres, no intuito de levar também a aprendiz a refletir acerca das mulheres e dos costumes de sua família, de sua escola e de outros espaços em que se insere e que possa levá-la a buscar entender o que é ser mulher e crescer como mulher em uma sociedade que tende a insistir nos valores falocêntricos que rotulam ainda o crescimento e o comportamento infantis à questão sexista de homem e de mulher.

Uma das passagens que retrata Jane como uma dessas mulheres que questiona esse papel configurado por este tipo de sociedade em sua época social é: “Naquela época, meninas deviam casar. Mas Jane não queria, e nunca se casou. “Oh, Lizzy! Faça qualquer coisa, menos se casar sem afeição”, ela escreveu em um de seus romances.” (CAVALLO; FAVILLI, 2018, p. 82, grifo das autoras). A citação possibilita a leitora em formação a procurar compreender qual o significado do casamento para a mulher e não para cumprir uma função estabelecida pelo patriarcalismo, como pode ser discutido nos textos de Austen.

Seus romances começaram a ser publicados “Só em 1811, com 36 anos de idade, Jane Austen conseguiu publicar, à sua própria custa, seu primeiro livro. Foi *Razão e Sensibilidade*. Saiu como obra anônima, porque não eram bem-vistas as mulheres de letras.” (MAGALHÃES JÚNIOR, 2005, p. 228). Apesar desse modo como a sociedade via as mulheres que escreviam, Jane não deixou de escrever, anos depois da publicação de sua primeira obra vieram *Orgulho e Preconceito*, *Mansfield Park* em 1814, *Emma* em 1816, *Northanger Abbey* e *Persuasão* em 1818, etc.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Nestas obras há humorismo, leveza, graça, o toque feminino e mesmo com um bom senso e elegância velados de uma dama inglesa, um tom feminista de quem observa a vida cotidiana inglesa e faz um retrato crítico da postura das mulheres frente ao amor e ao casamento arranjado. Jane Austen não se casou, mas era uma mulher observadora e leitora. Cavallo e Favilli (2018, p. 82) deixam esta característica de Jane como um exemplo fundamental para ser seguido e/aprendido pelas crianças feministas: “Era uma vez, no interior da Inglaterra, uma garota que amava livros mais do tudo. O lugar preferido de Jane era o sofá da biblioteca de seu pai, onde se acomodava com o nariz enfiado no livro.”

Esse traço de Jane Austen – leitora – colocava-a em uma condição de ser pensante e questionador dos problemas sociais que a cercavam como a questão do casamento e suas consequências para as mulheres. Jane se diferenciava das mulheres de seu tempo, do século XIX, pois “a maior parte das meninas não aprendia a ler. Passavam a meninice entre o oratório e a esteira. Ensinavam-lhes a fazer rendas, bordado e costura. Esperava-se que fossem incultas, piedosas, prisioneiras da casa.” (DEL PRIORI, 2013, p. 19). Não que Jane não soubesse os afazeres domésticos, de acordo com Magalhães Júnior (2005, p. 226), suas leituras, “como, mais tarde, suas atividades literárias, nunca interferiram com seus deveres e atividades domésticas. Cozia muito bem e cuidava da casa, arrumando-a primorosamente [...] tinha grandes qualidades de observação.” Porém, estas particularidades não estariam sendo destinadas a servir a um marido, por exemplo. Cuidava-se da casa, de suas coisas, por uma questão de engenhosidade que podia servir a si mesma. Eis também um *aprendizado* que a criança também pode/poderia obter com Jane.

Outra particularidade de Jane que estimula a criança feminista e *rebelde* no sentido de não aceitar perpetuar a condição sexista de menina pelo patriarcado é seu caráter observador. “Para Jane, cada detalhe contava: uma briga de casal, o modo de caminhar de alguém, a conversa entre as empregadas, tudo era uma pista sobre a personalidade das pessoas. Jane anotava tudo em seus cadernos, para depois usar em seus escritos.” (CAVALLO; FAVILLI, 2018, p. 82). Essa referência à Austen na formação de uma criança é fundamental para que ela naturalize o ato de observar todos os espaços, coisas e pessoas ao seu redor, e construa um pensamento reflexivo sobre as ações e os comportamentos sociais que vão se apresentando a



sua frente no decorrer de seu desenvolvimento, enquanto cidadã crítica e sua formação de mulher que lute por condições de igualdade, fazendo com esta criança-leitora-rebelde compreenda que “feminismo é sempre uma questão de contexto.” (ADICHE, 2019, p. 12). E ela (criança) precisa crescer tendo consciência disso, buscando entender esses espaços, essas pessoas que circulam no contexto social em que ela esteja inserida, e que todos e ela respeitem uns aos outros.

Ser observadora, leitora, atenciosa, detalhista e feminista não significa dizer se isolar dos demais que não são, e as autoras do livro *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes* pontuam isto como mais uma fase de Jane Austen que remete ao bom exemplo para as crianças: Jane Austen era uma mulher cercada pela família e sabia organizar muito bem, mais esta atividade do convívio familiar com seus outros afazeres, como os literários e os domésticos: “Jane e seus sete irmãos encenavam peças e recitavam adivinhações para se distrair e divertir os pais. Quando era ainda muito jovem, começou a escrever suas próprias histórias, que lia para a irmã Cassandra, arrancando dela algumas risadas.” (CAVALLO; FAVILLI, 2018, p. 82).

Pela fábula *Jane Austen* contada por Cavallo e Favilli (2018), o que se observa é que elas com traços muitos singelos e simples de contar uma história – aparentemente de ninar – conseguem atribuir a esta leitura um aprendizado crítico e inspirador a todos os leitores, se pensar que esse contador de histórias de ninar poderia ser o pai, o irmão, a babá, o amigo, o avô, o padrasto, etc., não necessariamente só a mãe. Nesse sentido, *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*, com apresentação de autoras como Jane Austen, cumpre também um papel conscientizador e inovador de educar as crianças por meio de histórias de mulheres reais que modificaram a maneira convencional de pensar a sociedade, a mulher e o seu papel – como Jane Austen, em condições adversas do século XIX, em que se construía a cultura feminina moldada pelas aparências, “enquanto poetas e viajantes despiam o que a sociedade cobria, uma rede de objetos, matérias, cores e odores buscava transformar o corpo feminino – dissimular, apagar, substituir as imperfeições [...]” (DEL PRIORI, 2013, p. 183), Jane Austen estava a estimular suas leitoras a constituírem-se em protagonistas de si.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Jane Austen desta forma configura-se como uma mulher-escritora, senhora de uma maneira particular de ser feminina com tons feministas. O uso deste último termo em relação à mulher que foi Jane Austen pode ser entendido pelas denominações emprestadas de Tiburi (2018, p. 72) que discute o feminismo como “uma leitura que põe em questão o que existe – aquilo que está dado – para analisá-lo. O feminismo é, nessa linha, “teoria crítica” que se constrói a partir do arcabouço dado no patriarcado, na condição de teoria tradicional”, uma visão de mundo social exposta em tela que no caso das obras da escritora inglesa, isso pode ser observado, em especial, em suas personagens feministas.

Na lição de *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes* as crianças são impulsionadas a aprender sobre Jane Austen a respeito desse feminismo apontado por Tiburi (2018) o que já existe é um papel fixo atribuído à mulher, no que se refere ao casamento, que a própria autora se recusa a cumprir-lo, quando decide não casar. E as autoras do livro destacam nessa narrativa de contação destinada a crianças, que casar não é necessariamente mais um papel social que a mulher tenha ou venha a exercer. A atitude do não casar de Jane Austen admite uma leitura crítica-reflexiva diante do patriarcado entendido como o sistema de regras a serem cumpridas, principalmente, pelas mulheres. Austen confronta esse sistema constituído pelo “saber e poder [que] unem-se contra seres heterodenominados como mulheres. Neste cenário a novidade do feminismo se faz ainda mais complexa.” (TIBURI, 2018, p. 71), sobretudo, usado ou vivido na prática social por uma mulher que descortinou esta regra, fez e apostou no ambiente do lar, como um ambiente de conforto e paz, sem a presença de um ator social exigido por seu tempo, isto é, um homem/um marido.

Eis então, outra lição ensinada por Jane Austen às crianças ao ouvir sua história de ninar: enxergar o espaço doméstico como um ambiente de conforto que pode ser seu, que você pode estar acompanhada ou não. Austen valorizava a casa, o lugar seu como um recanto bom, sendo assim, a criança é dada a oportunidade de também aprender a importância do lar em sua vida, como este lugar de descanso.

Ao ouvir e/ou ler esta particularidade da escritora inglesa, escolhida por Cavallo e Favilli (2018), as crianças leitoras serão instigadas a ler as personagens femininas de Jane Austen na perspectiva de sua autora, tal premissa se deve ao fato de *Histórias de Ninar para*



Garotas Rebeldes apresentar pequenas narrativas, que de modo geral, ressignificam o relato de si, das grandes mulheres extraordinárias, ensinando as leitoras em formação a compreender que as grandes obras destas mulheres, grosso modo, representam uma operação crítica que não pode acontecer sem essa dimensão reflexiva de si mesma; que se deve colocar em questão “um regime de verdade, quando é o regime que governa a subjetivação, é pôr em questão a verdade de mim mesma e, com efeito, minha capacidade de dizer a verdade sobre mim mesma, de fazer um relato de mim mesma.” (BUTLER, 2017, p. 35). Particularmente, Austen conseguiu fazer este relato de si, por meio de suas observações pessoais, familiares e sociais, e fez desta sua maneira de ser a filosofia de sua escrita. Embora historicamente, Jane Austen “raramente foi reivindicada como uma escritora filosófica em seus próprios termos – isto é, sem fundamentar externamente sua reivindicação à filosofia, comparando sua escova fina autodescrita a, digamos, o grande arco de Aristóteles.” (LINDSTROM, 2011, p. 24, tradução minha).

Mas, a filosofia de vida de Jane Austen acaba por empregar ou até mesmo se estender à filosofia dos comportamentos e ações de suas personagens mulheres. Lindstrom (2011, p. 24, tradução minha)¹⁵ argumenta que “Austen é subestimada em geral como reconhecida por Ryle e outros como um recurso subestimado da filosofia”¹⁶. Porém, na escrita de Austen isso se faz presente e acaba por sugerir a suas jovens leitoras, a viver ou aprender a viver conforme esse exemplo demonstrado pela leitura de *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes*.

Tal premissa é alicerçada pelas autoras no prefácio, ao defenderem o ponto de vista de que é importante que as garotas compreendam os obstáculos que terão de enfrentar, que elas “não apenas saibam que esses empecilhos não são insuperáveis, e que elas não apenas podem encontrar um jeito de vencê-los como também podem removê-los para aquelas que virão

¹⁵ Citação original: “Jane Austen has seldom been claimed as a philosophical writer on her own terms- that is, without externally grounding her claim to philosophy thought comparison of her self described fine brush to, say, the big bow wow of Aristotle.” (LINDSTROM, 2011, p. 24).

¹⁶ Citação original: Austen is underappreciated at large as an acknowledged by ryle and others as an underappreciated resource to philosophy”. (LINDSTROM, 2011, p. 24).



depois. Do mesmo modo como fizeram as grandes mulheres retratadas aqui.” (CAVALLO; FAVILLI, 2018, p. 11).

Nesse quadro, Jane Austen é retratada como uma dessas grandes mulheres. E isso se deve muito a sua filosofia de vida que deve ser ensinada às crianças, ao seu estilo de escrita descrito: “A sentença mais famosa de Austen é carismática contrafactual. Sua economia do triunfo é extraída de uma psicologia da necessidade e da doxa social da fofoca. Essa voz social é traduzida claramente no humor da seguinte sequência do ‘adendo irônico ou cômico’” (LINDSTROM, 2011, p. 33, tradução minha, grifo do autor).¹⁷ Sendo assim, não se pode restringir à leitura dos romances de Jane Austen ao estereótipo romântico da idealização feminina que estampou o Romantismo de maneira geral na primeira metade do século XIX, e, é por este motivo, que Jane se torna uma escritora, uma mulher que desmistificou a idealização da vida doméstica, que organizava a vida social da menina para o casamento, fazendo dela mesma, enquanto mulher, um exemplo para outras mulheres.

Lendo Jane Austen nesta linha de raciocínio, compartilha-se do pensamento de Bell Hooks (2019) que defendeu que o feminismo deve ser um movimento de entendimento e de engajamento por todos, inclusive para crianças. Para a pesquisadora feminista “A Literatura infantil é um dos locais cruciais para a educação feminista, para a conscientização crítica, exatamente porque crenças e identidades ainda estão sendo formadas.” (HOOKS, 2019, p. 46). Dessa forma, a proposta deste livro, insere-se nesse pensamento de Hooks, bem como de mulheres como Jane Austen, ao se apresentar mulher que sabe seu lugar de fala, questiona os conflitos de classe, a figura da mulher dentro do patriarcalismo feroz e legitimado em pleno século XIX.

Se pensar Jane Austen a partir desta concepção ainda se tem duas considerações a serem anotadas: a primeira de que “o feminismo se construiu a partir dessa conquista de liberdade.” (TIBURI, 2018, p. 48), pelas lutas das mulheres que conquistaram (e estão na

¹⁷ Citação original: “Austen's most famous sentence is charismatically counterfactual. Its triumphant economy is culled from a psychology of need and the social doxa of gossip. This social voice is rendered clearly in the humor of following sentence of "ironic or comic addendum" (LINDSTROM, 2011, p. 33)”.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

luta) pelos seus direitos e pelo seu lugar de fala; neste prisma, Jane teria então um saldo literário, se recorrer rapidamente ao estilo literário de sua época: o Romantismo e sua ideologia de liberdade. E, segunda, de que o processo de ensinar a mulher a mulherificar-se, de acordo com Diniz (2015), estaria centralizado nos gestos e nas palavras. E nisso, Jane Austen o fez com maestria!

Além disso, dessas considerações sobre o porquê Jane Austen seria então, considerada uma leitura para garotas rebeldes e feministas, há outro traço interessante do livro que chama atenção das jovens leitoras: apresentação da mulher extraordinária ilustrada. Abaixo, destaca-se a página do livro *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes* prestada a homenagear a escritora inglesa.

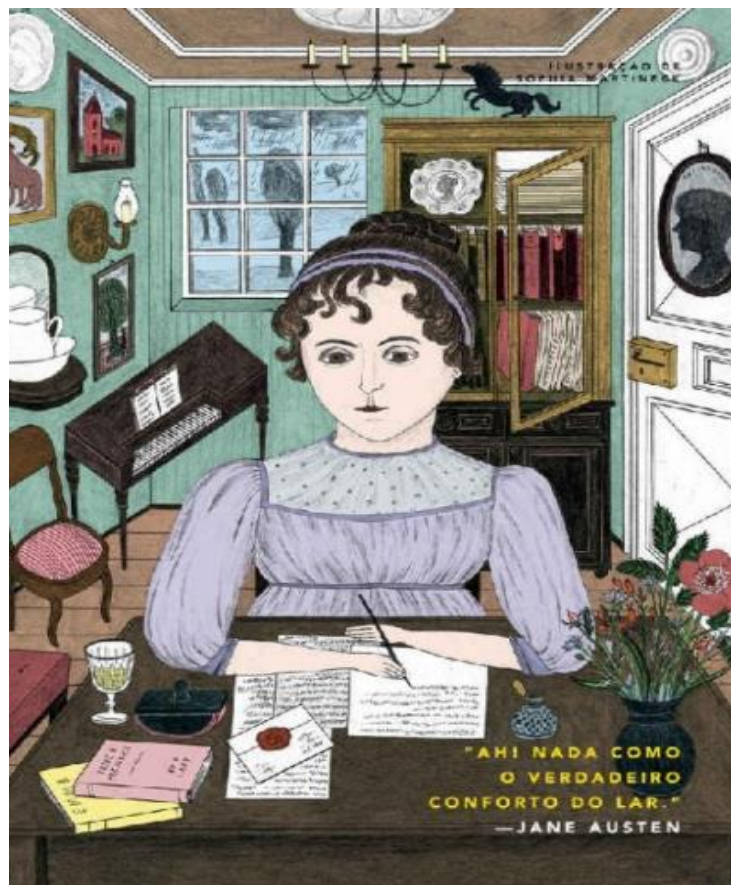


Ilustração: Sophia Martineck



Consta ressaltar que a ilustração de Austen é de autoria da alemã Sophia Martineck. Os livros também têm esta outra particularidade: ao lado de cada contação de história sobre a mulher extraordinária narrada por Cavallo e Favilli (2018), outras grandes mulheres ilustradoras de diferentes partes do mundo, contam sua versão e modo muito particular de ver a mulher inspiradora de sua arte de ilustrar. No caso da ilustradora alemã, captou a gentileza, a paixão pela escrita, a preferência pelo conforto do lar, a singeleza, traços que caracterizaram Jane Austen.

DESSA JANE AUSTEN PARA GAROTAS REBELDES, O QUE FICA PARA SE CONCLUIR?

Pelas breves considerações tecidas acima, com base na leitura da fábula do livro *Histórias de Ninar para Garotas Rebeldes* sobre Jane Austen, apresenta-se alguns pontos para uma (in) conclusão deste artigo.

Começa-se pela reflexão de como as meninas em formação devem ser educadas como mulheres que entendam o seu lugar de fala, não em detrimento, ou em obrigação a um homem ou a cumprir um papel social que se legitima pelo patriarcado e hoje, mais do que nunca, questionável. Mas, devem ser educadas para entender quem se é, e quem se deseja ser quando crescer.

Apresentar Jane Austen – a mulher real – a essas leitoras em formação, não é somente demonstrar que Jane Austen está entre 100 ou entre as 200 mulheres extraordinárias selecionadas por Cavallo e Favilli (2018) que se tornaram até então, popularizadas por um livro contemporâneo, um best-seller, mas também uma forma de perpetuar o legado literário e humano da mulher que foi e representa até hoje, a figura muito particular de Jane Austen.

Desse papel de mulher exercido por Austen – tanto na vida social real, quanto por meio de suas personagens – está a defesa dos direitos da mulher, enquanto ser sujeito de si mesma. Em tempos em que a Literatura estava anunciando e vivenciando a liberdade de expressão, propagada, sobretudo pelo Romantismo, Jane Austen fazia sua própria revolução ao apresentar ao público leitor uma escrita de Literatura feminina em favor da valorização dos



direitos, dos sentimentos e dos pensamentos da mulher, através de um instrumento que ela sabia manejar como poucas em seu tempo, a palavra.

Jane Austen ajudou a formar leitoras conscientes no mundo todo, no entanto, a maior parte deste público tinha acesso a seus textos principalmente, na juventude. E, agora, com a proposta lançada por Cavallo e Favilli (2018), a ideia é que Jane chegue a esse público, logo em mais tenra idade, aquela fase da vida em que há formação das identidades, dos valores e, também aquela época em que se podem educar crianças mais humanas, sem preconceitos ou estereótipos sociais.

Nesse contexto, as garotas não serão mais educadas a partir do olhar do patriarcado que imprime na educação das mulheres, a fragilidade, da impossibilidade, da incapacidade de resolver pequenas situações reais de sua vida cotidiana. Serão educadas como garotas que descortinaram as regras, impondo-se com rebeldia, no sentido de desmitificar esses padrões falocêntricos e falidos de um patriarcalismo que oprime a mulher, e a condição de ter que ser mulher.

Logo, partindo-se desta perspectiva, poderá se dizer que Jane Austen foi em seu tempo uma garota rebelde, e que agora também pode ser lida nas narrativas de ninar para ensinar a menina a crescer, também sonhando em ser uma garota extraordinária, feminista e rebelde.

REFERÊNCIAS

ADICHE, C. N.. **Para educar crianças feministas**: um manifesto. 1ª ed. Reimp. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

AUSTEN, J. Escritora. In: CAVALLO, F.; FAVILLI, E. **Histórias de ninar para garotas rebeldes**: cem fábulas sobre mulheres extraordinárias vol. 1. Trad. Flavia Yacubian, Carla Bitelli e Zé Oliboni. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2018.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo**. Crítica da violência ética. Trad. Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

CAVALLO, F.; FAVILLI, E. **Histórias de ninar para garotas rebeldes**: cem fábulas sobre mulheres extraordinárias vol. 1. Trad. Flavia Yacubian, Carla Bitelli e Zé Oliboni. São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2018.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

DEL PRIORI, M. **Histórias e conversas de mulher**. 1ª ed. São Paulo: Planeta, 2013.

DINIZ, D. Feminismo: modo de ver e mover-se. In: SERRA, Carlos (Org). **O que é feminismo?** Cadernos de Ciências Sociais. Lisboa: Escolar Editora, 2015.

HOOKS, B. **O feminismo é para todo mundo**: políticas arrebatadoras. 8ª ed. Trad. Bhuvi Libânio. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

LINDSTROM, E. Austen, philosophy, and comic Stylistics. In: GOSS, E. M. (Edited by) **Jane Austen and comedy**. Bucknell University Press: Lewisburg, Pennsylvania, 2011. (Serie Trants: Literatura, thought and culture).

MAGALHÃES JÚNIOR, R. Orgulho e Preconceito de Jane Austen. In: SEIXAS, H. (org). **As obras-primas que poucos leram**. Vol. 2. 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

TIBURI, M. **Feminismo Em Comum**: Para Todos, Tode E Todos. 8ª Ed. Rio De Janeiro: Rosa Dos Tempos, 2018.



FANNY PRICE: DE HEROÍNA INVISÍVEL A NOVO IDEAL FEMININO

Maria Luiza Ribeiro Buzian¹⁸

O romance *Mansfield Park* (1814) escrito pela autora inglesa Jane Austen (1775-1817) é uma trama voltada a uma protagonista ainda não vista em relação às protagonistas anteriores. Somos apresentados a Fanny Price, uma jovem nascida em uma família pobre, levada pela tia abastada para ser criada em condições melhores que não poderiam ser oferecidas pela sua própria família, Fanny vive então toda a sua vida junto de seus tios e primos na grande propriedade de Mansfield Park, não sendo pertencente à classe social da família, mas se agregando a ela.

As características de Fanny não são tão atrativas à primeira vista e temos uma personalidade mais amena e opaca em comparação aos outros romances de Austen que apresentavam grandes personalidades femininas como protagonistas, como por exemplo, as irmãs contrastantes Elinor e Marianne Dashwood de *Razão e Sensibilidade* (1811), a sonhadora e amada Elizabeth Bennet de *Orgulho e Preconceito* (1813) e aquela que viria a ser a próxima protagonista do romance posterior da autora, a inteligente e articulada Emma Woodhouse de *Emma* (1815). Logo, percebemos que Austen optou por uma protagonista que passa despercebida até hoje pelos leitores, entretanto, mostra uma história um tanto quanto heroica à sua maneira, Fanny possui uma jornada marcada por imposições da sociedade que ali era circunscrita e mesmo assim, consegue alcançar seus objetivos e legitimar suas escolhas, mantendo seus princípios.

Neste artigo, temos como objetivo analisar a figura de tal protagonista durante sua trajetória no romance e como Fanny Price, com ares de gata borralheira e uma personalidade quase que invisível, foi tomando uma forma mais complexa e conseguindo ser dona de suas

¹⁸ Maria Luiza Ribeiro Buzian é graduanda em Letras pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e desenvolve pesquisas na área de Literatura Inglesa, E-mail: maluribeirobz@gmail.com.



próprias escolhas em meio a um ambiente que lhe desfavorecia. Nesta análise, colocaremos como pano de fundo as perspectivas da sociedade da época em que o romance foi escrito, podendo nos revelar como o histórico-social pode ser circunscrito no romance. Sendo Jane Austen, uma autora que conseguia transpor a sociedade de sua época com maestria em seus romances, buscamos compreender não apenas a trajetória da protagonista como os fatores que a possibilitaram se tornar uma heroína com uma das nuances mais complexas e diferentes da obra de Jane Austen.

ROMANCE E SOCIEDADE

Primeiramente, antes de partimos para a história em si, é necessário situar a categoria do romance na sociedade em que a obra foi escrita. *Mansfield Park* foi publicado pela primeira vez em 1814, sendo a terceira obra de Jane Austen. Ao contextualizarmos a Inglaterra do século XIX, advindo do período da Regência, temos a consolidação do romance como um dos maiores fatores de mudança no país, proporcionando uma nova reflexão sobre sua própria sociedade. A partir da consolidação do romance, podemos dizer que este gênero literário foi fundamental para que houvesse uma democratização da literatura, por conseguinte, houve um aumento do público leitor neste momento histórico. Neste contexto, autores como Watt (1957) e Vasconcelos (2002) analisam a construção do romance, ligadas às mudanças e influências sociais daquele período:

“(…) Watt procuraria as causas da ascensão do romance nas transformações ocorridas no interior da sociedade inglesa, que ele identifica como sendo o desenvolvimento do capitalismo, a secularização do protestantismo, o poder crescente das classes industriais e comerciais do público leitor, também as mudanças de orientação no pensamento filosófico no período lhe parecem capitais para esclarecer a natureza do realismo no romance.” (VASCONCELOS, 2002, p.13)

Desta forma, a investigação de Ian Watt trazia como resultado a ascensão do romance como um fator que contribuiu com grandes mudanças na Inglaterra, segundo o próprio autor:

“O romance nasceu para mediar essas mudanças de atitudes e foi, em grande

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

medida, capaz de conciliar no interior de uma forma (...) as narrativas e ideologias conflitantes que se sucederam no período de transição do idealismo romanesco e da ideologia aristocrática para a época moderna.” (WATT, 1957, p. 16)

Partindo então desse pressuposto, o romance não apenas foi um fator que possibilitou mudanças na sociedade inglesa como também conseguiu retratá-las, logo, vemos que um dos elementos de organização primordiais desse gênero literário está estritamente ligado à verossimilhança, ou seja, a representação fiel da realidade dentro da narrativa, de modo que exista a “*possibilidade de comparar o mundo do romance com o mundo real (ficção igual a vida)*” (CANDIDO, 1972), formando um componente, visto na estrutura literária do texto que transita entre a ficção e a realidade. Esse pensamento converge com a ideia de uma narrativa que não copia, mas sim representa a realidade. Portanto, corroboramos com as palavras de Sandra Vasconcelos:

“O romance do século XVIII, pensado como encenação de um entrechoque de forças sociais, como imitação da vida prosaica de um indivíduo como elemento central da composição e de configuração artística da experiência de homem comum.” (VASCONCELOS, 2002, p.32)

Quando falamos sobre a obra de Jane Austen, sabemos que ela foi uma escritora inglesa do início do século XIX cujo período traz características advindas de Richardson em sua minuciosa apresentação da vida cotidiana a partir de seus romances. Segundo Ian Watt em sua obra *A Ascensão do Romance* (1957) a análise que Jane Austen faz de seus personagens e de seus estados de espíritos apresentam um leve tom de ironia nas situações que os mesmos se encontram e que podem ser comparadas à Fielding, advindos de um autor que não interfere na narração, mas sim de um método impessoal que compreende não somente o psicológico como o social de toda a obra.

Logo, seu prestígio e reconhecimento percorreram décadas e até hoje é uma das autoras mais lidas no mundo. Jane Austen, em suas obras, conseguia através de um narrador observador completamente perspicaz e pontual, reproduzir um ambiente amplo no qual somos apresentados a inúmeras alegorias da sociedade através de personagens que possuem uma



profundidade psicológica aguçada, transcritos na narrativa em um tom irônico que velava críticas e problematizações presentes na sociedade, sendo muito bem recebido pelo leitor.

Jane Austen pode se enquadrar nas palavras de Preston (1979) acerca da forma em que os romancistas reproduziam a realidade em suas obras e eram recebidos pela sociedade da época:

“(...) os romancistas do século XVIII são os fundadores do romance modernos e não desapontam o leitor moderno. Não é a superfície realista de seus romances que valorizamos, mas a organização de diferentes modalidades de experiência, tanto introspectiva, quanto social, reflexiva e prática, pessoal e geral.” (PRESTON, 1979, p. 332-3)

Logo, vemos que o romance *Mansfield Park* se enquadra neste cerne por nos apresentar um enredo repleto de representações da sociedade que vivia naquele momento na Inglaterra. Começamos a trama de uma jovem pobre, a criança Fanny Price, supostamente resgatada do infortúnio da miséria pela família de tios abastados, (prática muito comum no período retratado) lhe seria oferecido melhores oportunidades de vida. Deste ponto, seguimos os anos de Fanny vivendo na grande propriedade dos tios junto da família que a acolheu, mas que a contemplava como uma simples agregada, não permitindo certo desenvolvimento de uma personalidade forte na jovem, que ao decorrer da história passa por inúmeras dúvidas e nos apresenta um temperamento ameno, quase insípido e que pode passar despercebido, caracterizando-a como esta heroína invisível que iremos discutir nos próximos tópicos.

UMA HEROÍNA INVISÍVEL

Na primeira definição de Fanny Price apresentada na obra, Jane Austen já demonstra o caráter ameno que a protagonista apresentará ao longo da trama:

“Nessa época Fanny tinha apenas dez anos, e embora talvez não exibisse uma aparência muito cativante, pelo menos nada havia que desgostasse os parentes. Pequena para a idade, sem fulgor nas faces nem qualquer outra beleza impressionante, arredia e tímida demais, evitava atenções, porém, apesar de um



pouco desajeitada, não era vulgar, e sua voz meiga, quando falava, tornava seu rosto bonito.” (AUSTEN, 2015, p. 19)

Neste trecho, podemos perceber que a autora usa do artifício da contraposição para destacar junto das características pouco impressionantes, pontos positivos da protagonista, não escondendo nenhum ponto, Austen caracteriza uma heroína com defeitos e que pode passar despercebida devido aos seus poucos atributos, mas com um tom promissor. Sobre a caracterização da personagem, usaremos duas definições de Antonio Candido: *"personagem construído por um modelo real, conhecido pelo escritor, servindo como eixo ou ponto de partida."* (CANDIDO, 2005a, p 71) e *"personagem construído em torno de um modelo, mas que é apenas um pretexto inicial e que é explorado."* (CANDIDO, 2005b, p.72). Na primeira definição, vemos que Jane Austen tinha conhecimento da realidade vivida na época, conseguindo trazer um modelo de personagem de acordo com a classe social e condizente com o tempo no qual o romance se inseria. Enquanto na segunda definição vemos Fanny Price construída em torno de um modelo e ao decorrer da narrativa, suas personalidades são exploradas, acarretando (ou não) em mudanças.

Percebemos que, neste romance, assim como no romance moderno em geral, houve uma preocupação maior com a complexidade das personagens, impostas por uma necessidade maior de caracterização condizente com a realidade. Assim, nunca havia sido tão atencioso o olhar para a caracterização dos personagens, fazendo com que fossem explorados seres mais complicados, com inúmeros traços e nuances mais profundas em sua psique. No contexto do romance moderno, podemos dizer que houve uma mudança estrutural devido ao senso de complexidade da personagem e um enredo mais simplificado, se contrapondo com as estruturas anteriores que se constituíam em tramas complicadas e personagens simples. No caso de *Mansfield Park*, estas definições se agregam por nos apresentar um enredo que traz fatos condizentes com a realidade vivida além de delinear modelos de personagens muito mais profundos, sem estereótipos e com uma aura em eterno desenvolvimento, ou seja, enquanto a história está acontecendo, os personagens também estão mudando e se aprofundando, no caso, Fanny Price, mesmo sendo apresentada como uma mulher de caráter irrelevante, vai adquirindo uma complexidade maior enquanto os capítulos vão seguindo.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Voltando à história, Fanny Price aos dez anos se muda para a grande e bela propriedade de Mansfield Park, aparentemente sua vida é confortável, porém, existem ressalvas. Fanny vive em uma casa na qual não consegue ver completamente como um lar. Com ares de gata borralheira durante sua jornada, Fanny passa seus anos sempre ouvindo implicâncias da Sra. Norris, ou experimentando a indiferença vinda do Sr. e Sra. Bertram. Seu único conforto vinha de seu primo Edmund. Mesmo desde os primeiros capítulos tal amizade era vista com maus olhos pelos pais do garoto, temendo um possível romance. No trecho a seguir, vemos a forma que Edmund via a prima e como isto será essencial para o desenrolar da história, pois conseguimos perceber que Fanny Price sempre tinha seu apoio:

“A amizade de Edmund jamais lhe faltou (...) Sem intenção de ser mais que os outros, nem qualquer receio de fazer mais que eles, o jovem era sempre fiel aos interesses dela, e atencioso com seus sentimentos, tentando fazer com que compreendessem suas boas qualidades e superassem a desconfiança que a impedia de ser mais notada. Ignorada por todos os demais, (...) ele sabia de sua inteligência.”
(AUSTEN, 2015, p. 29-30)

Sabendo um pouco sobre o panorama em que Fanny vivia, podemos perceber que realmente o ambiente não seria o mais favorável para nascer uma grande heroína, repleta de opiniões e uma forte personalidade, uma vez que somente Edmund Bertram conseguia ver potencial na menina, que em um dos capítulos, alega acreditar não ser importante para ninguém. Logo, o desenvolvimento de uma heroína invisível foi o resultado desta convivência pseudo-confortável que Fanny Price possuía.

O silêncio de Fanny Price em meio a uma sociedade que não a representava e que também não a acolhia completamente pode ser analisado como uma forma encontrada pela mesma de reflexão acerca do ambiente em que se vivia, como também visto a partir de silenciamento social advindo de um sistema onde uma classe superior reprime a outra. Fanny por ser de uma família pobre e ter sido “resgatada” por uma família abastada, necessita mostrar-se agradecida e não prestar questionamentos quanto a isso, uma vez que não era da esfera social em que os Bertram desde o nascimento viviam. Novamente, vemos Jane Austen



aproximando seu romance à realidade de sua época como forma de identificação do leitor à jornada da protagonista ou pelo menos empatia por ela.

À medida que a história vai se desenvolvendo, os ares de Mansfield Park mudam com a chegada dos irmãos Mary e Henry Crawford e, com isso, nossa protagonista também se vê em mudanças. O estado latente envolvendo sua personalidade vai tomando outras formas quanto mais a jovem tem contato com o casal de irmãos, primeiro pelas opiniões acerca de Mary, cuja personalidade era muito mais ativa e iluminada do que Fanny, além de sua grande aproximação de Edmund, a qual faz surgir os primeiros sinais de ciúmes e abnegação de Fanny. Por outro lado, temos Henry Crawford que viu em Fanny algo similar a Edmund, ganhando sua admiração. Não sabemos ao certo quais eram suas reais intenções com a protagonista, mas sabemos que a partir do seu pedido de casamento, Fanny Price ganha novos desdobramentos e a partir deste ponto, paramos neste tópico e seguimos para o próximo a fim de localizar os desdobramentos da trama da protagonista e de como suas escolhas influenciarão seu próprio futuro.

A TRAJETÓRIA DA PERSONAGEM E O NOVO IDEAL FEMININO

Neste momento da obra, o pedido de casamento de Henry Crawford a Fanny Price, torna-se um momento crucial para o desenvolvimento de toda a trama, mas também para o desenvolvimento da própria protagonista. Primeiramente, vemos Henry Crawford falar de Fanny para sua irmã como uma espécie de aposta ou desafio a ser conquistado. O que pode ser observado nos seguintes trechos:

“Não a compreendo. Não saberia dizer o que ela pretendia ontem à noite. Que personalidade tem? Ela é solene? Pudica? Porque se retraiu e me olhou tão séria? (...) Jamais conheci nenhuma que me olhasse com tanta severidade. Preciso tirar o melhor partido disso. Aquele olhar me diz ‘Não gosto de você e estou decidida a não gostar’ e eu afirmo o contrário. (...)”

“Não serão mais que quinze dias - afirmou Henry - e se, nesse período pode fazê-la morrer de amor, deve ter uma constituição que nada poderá salvá-la.” (AUSTEN, 2015, p. 277)



Conseguimos perceber o tom mal intencionado de Henry Crawford a fim de seduzir Fanny por um mero capricho, novamente reforçando sua conduta duvidosa ao leitor. Todavia, nos capítulos seguintes, Henry se ausenta em uma viagem e ao voltar e ver Fanny no baile, tudo muda, o cavalheiro se mostra rendido à jovem e completamente apaixonado, com a intenção de casar-se com ela, jogando fora todas as apostas e más intenções antes mencionadas. Na verdade, não sabemos ao certo se realmente essas intenções foram excluídas, pois o caráter dos irmãos Crawford era sim muito duvidoso e impreciso, mas, neste momento, temos a figura de um homem extremamente apaixonado e arrependido pelos seus atos, disposto a pedir Fanny Price em casamento.

Henry Crawford segue até Mansfield Park para dar a notícia para a protagonista, mas antes de propor o casamento, conta-lhe sobre a oferta de promoção conseguida por intermédio dele para o irmão de Fanny, William, fazendo-a muito feliz e extremamente grata (como sempre). Após isso, começa a tentar demonstrar suas intenções, mas é extremamente repellido por Fanny numa atitude ainda não vista pela personagem. Fanny se enfurece e se sente envergonhada diante de tal pedido, alegando tratar-se de uma loucura ou uma forma de consolação ao serviço prestado em prol de seu irmão, como ela mesma julga ser *“aquilo como um mero capricho, simples frivolidade a galanteio, destinado apenas a enganá-la como um passatempo momentâneo”* (AUSTEN, 2015, p. 361).

Não sabemos realmente se tais sentimentos eram verdadeiros, porém, a atitude tomada por Fanny nos mostra uma novidade, não foi apenas uma simples recusa, foi um ato enérgico e novamente friso na novidade, uma vez que vemos Fanny extremamente abnegada e recusar um casamento visto como vantajoso a sua classe social. Mostra como a protagonista foi fiel aos seus princípios uma vez que sabia - por sempre analisar tudo em sua volta em silêncio - qual era a conduta moral de seu pretendente e como isso poderia ser maléfico a ela. Fanny se impôs diante do pedido de casamento e escolheu ouvir seus próprios sentimentos do que simplesmente aceitar calada e bondosa, como todos esperavam.

Entretanto, a atitude de Fanny não foi bem recebida por todos em Mansfield Park especialmente pelo seu amado tio, confirmando o que Mary Crawford em capítulos anteriores já havia pontuado: *“é bom para ela, como também é para Sir Thomas, a maneira de um tio*



rico, superior, prolixo e arbitrário.” (AUSTEN, 2015, p. 355) e a forma pela qual o tio escolheu para puni-la foi pedir para que a jovem retornasse para sua antiga casa em Portsmouth, junto da sua família, sem uma data precisa de retorno a Mansfield Park. É neste momento em que percebemos como a alma humana é um espectro complexo e movido por inúmeros interesses, e que realmente Fanny se via à mercê do destino de outros e não de si própria, pois no momento em que tomou uma atitude por sua conta e risco, houve uma punição por tal ato.

O retorno à antiga casa em Portsmouth, para Fanny, começa com um sentimento de alegria e ansiedade por rever a família, mas assim que chega ao seu antigo lar, percebe a tamanha desventura que esta jornada poderia ser, primeiramente com a falta de interesse do pai ao recebê-la, o estado que a casa se encontrava e o comportamento insolente dos irmãos. Logo em sua chegada Fanny percebe que o grande período de tempo que estava fora, fez com que não pertencesse mais àquele núcleo familiar, segundo a obra *“Estava em casa. Mas infelizmente não era um lar, nem tive a acolhida apropriada”* (AUSTEN, 2015, p. 452), fazendo então que ocorresse na personagem uma espécie de choque cultural, pois a casa à qual sua classe social pertencia não a representava e o conforto de Mansfield Park não lhe era legítimo, pois pelo ponto de vista dos habitantes da propriedade, não passava de uma convidada ou até mesmo um intrusa que deveria mostrar-se agradecida.

Seu retorno à Mansfield Park, sucedido pela declaração de amor de Edmund e o casamento dos dois, mostra uma vitória da personagem Fanny Price, uma vez que consegue reafirmar seu lugar naquele círculo social através de seu casamento com o primo, e que mesmo recusando a oferta do galanteador Henry Crawford e de ter recebido a lição com a longa estadia em Portsmouth, a protagonista manteve seus princípios e julgamentos, se mostrando autônoma e dona de seu próprio destino, casando-se com aquele que sempre lhe deu um voto de confiança e contradizendo a todos que antes a julgavam. Neste contexto, vemos que Fanny Price, a partir da experiência pessoal, busca reafirmar sua identidade e a partir dos desafios encontrados em sua trajetória, consegue atingir seus propósitos. Sandra Vasconcelos afirma que este tipo de personagem:

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

“São personagens em busca de uma identidade social, baseada antes nas suas qualidades pessoais e intrínsecas que nas suas origens, ou seja, não mais na nobreza de nascimento e sangue, mas na nobreza de caráter e coração. São ainda personagens que têm que enfrentar o desafio de uma sociedade em mudança, cujos processos de migração e urbanização estimulam mobilidade física, geográfica e social e forçam-nas a encarar um mundo onde os padrões já não são mais universalmente aceitos, o que as coloca, o mais das vezes, frente a frente com “conflitos entre ato e norma” e “problemas de ajustamento de conduta” (VASCONCELOS, 2002, p. 39)

Logo, vivendo em uma época de mudanças significativas, ver uma mulher como Fanny Price, casar com o primo financeiramente superior, mostra como a sociedade está em constante mudança e aprendizagem e por meio da experiência. Tais personagens como Fanny conseguem adquirir aprendizagem o suficiente para se legitimar em sociedade. Além disso, este tipo de personagem corrobora para o que Vasconcelos (2002) denomina ser a construção do “sujeito moderno”, ou seja, uma *“personagem concebida em função de suas qualidades mentais essenciais e das nuances mais sutis de comportamento e não mais em termos do sistema de status dominante no pensamento britânico.”* (p.73), sendo estes personagens muito mais individualizados e particulares.

E, a partir deste pressuposto de modernização do personagem, vemos *Mansfield Park* como uma obra em que a protagonista carrega a ideia de um “novo ideal feminino”. Este conceito diz respeito a uma nova dimensão no romance, que traz para dentro dos personagens femininos e de suas histórias, a luta de classes; no caso de Fanny, a busca de uma identidade social em um meio que não lhe pertencia, mas no qual se fixar por meio do casamento se fixar. Neste momento, vemos que a mulher no romance passa de um objeto de exibição para uma mulher compreendida como sujeito. Fanny Price foi criada para apenas ser uma pessoa agradecida e exibida como um adorno, fruto da boa vontade de parentes ricos, mas que se torna algo muito maior e mais complexo do que isso, pois mesmo tendo seu caráter pacato, consegue projetar-se na sociedade com um alto grau de observação e reflexão acerca de todos com quem ela convivia, fazendo com que ocorresse então sua ascensão.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, podemos concluir que Fanny Price é uma protagonista repleta de complexidade como qualquer outra personagem de Austen e merece ser mais vezes analisada. A partir deste artigo, tinha o interesse em despertar um novo olhar a trajetória desta personagem ainda não tanto admirada quanto as outras, mas que possui um espírito único e que poderia muito bem sair da esfera do que já foi lido e que novas leituras e novas reflexões acerca da mesma possam ocorrer. Pois é muito curioso Jane Austen construir uma personagem que começa quase que despercebida em seu próprio romance, tomar força e passar a carregar em si a luta de classes.

REFERÊNCIAS

AUSTEN, J. **Mansfield Park**. São Paulo: Editora Martin Claret, 2015.

CANDIDO, A. **Personagem de ficção**. São Paulo: Editora Perspectivas, 2005.

PRESTON, J. **The Age of Enlightenment**. Londres: Penguin Books, 1979.

VASCONCELOS, S. G. **Dez lições sobre o romance inglês no século XVIII**. São Paulo: Editora Boitempo, 2002.

WATT, I. **A ascensão do romance**. Tradução de Hildegard Feist. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1996.



A IMPORTÂNCIA DA LEITURA DAS OBRAS DE JANE AUSTEN POR HOMENS: DE C.S. LEWIS A WILLIAM DERESIEWICZS

Bárbara Gabriela Gonçalves Borba¹⁹

INTRODUÇÃO

Haja vista que uma pequena quantidade de homens manifesta a disposição pela leitura de romances escritos por mulheres, o presente trabalho tem como objetivo promover e valorizar a leitura das obras de Jane Austen pelo gênero masculino. Antigamente, tanto homens quanto mulheres liam romances que hoje são enquadrados no gosto feminino: príncipes, críticos literários, clérigos, bem como os homens da família de Jane Austen, que também admiravam a obra desta escritora que permanece atual.

Jane Austen nasceu em 16 de dezembro de 1775 em Steventon no sudeste da Inglaterra. A família pertencia à burguesia rural e era composta de oito homens e duas mulheres: Jane Austen e Cassandra Austen, sua irmã mais velha, grande amiga e confidente.

A escritora nasceu no final do Século XVIII, chegando a frequentar algumas instituições educacionais, porém, estas pouco contribuíram para sua formação cultural, moral e imaginativa. Jane Austen é considerada uma mulher à frente de sua época e que valorizava a arte literária. Seu gosto por romances foi adquirido no núcleo familiar, o qual tinha o hábito de se reunir para leituras em voz alta e pelos ensinamentos do pai, que era presbítero e professor, bem como por sua abundante biblioteca particular.

São de autoria de Jane Austen sete obras completas: *Razão e Sensibilidade*, *Orgulho e Preconceito*, *Mansfield Park*, *Emma*, *Persuasão*, *Abadia de Northanger* e *Lady Susan*. Estes

¹⁹ Discente do curso de Pedagogia na Universidade Estadual de Minas Gerais. E-mail: <barbaraborba25@gmail.com>.



romances geraram diversas e numerosas adaptações para filmes, séries, animações e *fanfics*, além das diferentes traduções e artes ilustrativas para suas obras.

No Brasil, Austen ganhou mais notoriedade após o lançamento do filme *Orgulho e Preconceito*, em 2005. Eventualmente, essa popularidade estimulou os produtores e editores a produzirem outros conteúdos voltados ao público feminino. Essas produções mais dedicadas às mulheres levam os homens a estereotiparem as obras de Jane Austen como sendo produtos para “mulherzinhas”.

Em virtude deste preconceito que gera atitudes discriminatórias em relação às pessoas, crenças, sentimentos e gostos, surge também o preconceito literário por um grupo de pessoas que não conhecem o gênero, não o lêem e dele desdenham.

O preconceito é resultado da ignorância, falta de fundamento crítico ou lógico. Os homens exercem muito esse tipo de opinião antecipada perante a literatura feminina. Esse preconceito é reforçado pelas editoras que publicam livros com capas estereotipadas (rosas, rebuscadas e românticas, entre outros clichês), sendo que nas livrarias, esses livros estão em uma sessão onde os homens não costumam acessar. Vale citar também que os filmes tornaram-se bastante conhecidos e levam a um fanatismo feminino que repele o gênero masculino. Por isso, este artigo vai analisar a relação de alguns homens com as obras de Austen, considerando a indisposição inicial masculina com a literatura clássica feminina. Como primeiro exemplo, observa-se C. S. Lewis, que não considerava ler romances. Ele relata em sua biografia:

(...) lado a lado com o amor pelo mito e o prodígio, que eu partilhava plenamente, tinha outra inclinação que me faltava até encontrá-lo e com que, para grande benefício meu, contaminei-me por toda a vida. Era o gosto por aquilo que ele denominava de "bons e sólidos livros antigos": os romancistas ingleses clássicos. (LEWIS, 1998, p. 159)

William Deresiewicz também narra sua indisposição às obras de Jane Austen: “Primeiramente, que nunca desejei lê-la. Aconteceu totalmente por acaso, e muito contra a minha vontade”. Ele continua: “O que poderia ser mais chato, eu me perguntava, do que um



monte de romances longos, pesados, escritos por mulheres, em linguagem rebuscada, sobre trivialidades?” (DERESIEWICZ, 2011, p.9)

Para demonstrar a importância da leitura da escritora por homens, será abordada a perspectiva da Literatura e formação moral em Jane Austen e em David Hume, retirada da pesquisa realizada pelo filósofo Marcos Ribeiro Balieiro na qual convida à reflexão como uma alternativa poderosa para experienciar a realidade, aguçando a imaginação e atuando na formação moral²⁰.

C. S. LEWIS

C. S. Lewis foi um importante escritor que, após ter contato com as obras de Austen, teve suas impressões de mundo e valores agregados. O renomado escritor foi professor de literatura inglesa em Oxford e Cambridge - onde conheceu seu grande amigo J.R.R. Tolkien, o autor de *O Senhor dos Anéis*. Lewis foi um grande romancista, crítico literário, ensaísta e apologista cristão. Converteu-se à religião cristã anglicana aos seus trinta anos, a mesma religião da qual o pai de Jane Austen era pastor. Ambos tinham o mesmo escopo moral.

Na obra *Surpreendido pela Alegria*, C.S. Lewis diz: “[...] como a heroína de *Northanger Abbey*, tomei a resolução de sempre julgar e agir no futuro com o maior bom senso possível”. (LEWIS, 1998, p. 209).

Como um bom romântico, Lewis às vezes se via fora do mundo real. Neste período da vida ele estava na faculdade envolto pelo surgimento de filosofias e aprende com Austen que o bom senso é um ótimo antídoto contra mentes férteis demais, sendo o juízo que lhe permite um julgamento com mais eficácia. O autor absorveu a essência do romance que, afinal, não se tratava apenas da vida comum, mas tinha como alvo instruir os jovens à maturidade, ao bom senso e à criticidade. No romance *Northanger Abbey*, Austen não abdicou de fazer uma

²⁰ Marcos Ribeiro Balieiro, professor associado do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Doutor em filosofia pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Filosofia da História e Modernidade (NEPHEM), do Viva Vox e do Grupo Hume.



dura queixa aos que se deixam acreditar em tudo o que leem, alimentando a imaginação não de fatos concretos, mas de especulações da mente ou pelo uso da literatura sem julgamento da razão.

Ainda na obra *Os Quatro Amores*, C. S. Lewis, discorre sobre os quatro tipos de amores: afeição, amizade, eros e caridade. Segundo o autor, o amor “afeição” pode ser associado à personagem Emma. O escritor define afeição como os gregos, “especialmente a dos pais pelos filhos; mas também a dos filhos pelos pais”. (LEWIS, 2009, p.25)

Em complemento, Lewis descreve afeição como um “amor necessidade” que se estende para além do vínculo mãe e filho. A Afeição nasce pelos objetos familiares e não sabemos o dia e hora em que este atributo começa a surgir no coração. A Afeição é o amor mais humilde e tem capacidade de unir pessoas que sem esse sentimento teriam poucas possibilidades de acontecer. Esse sentimento contempla o amor-necessidade e o amor-doação. Para exemplificar, Lewis se dispõe “[...] a fazer uso de exemplos literários”. O autor descreve que a afeição é descendente do instinto paternal ou maternal, como é o caso da heroína Emma. (LEWIS, 2009, p.31)

Emma é uma jovem rica, arrogante e esnobe, porém, com um coração que deseja ajudar o próximo. Como não necessita se preocupar em casar-se, pois chefia a casa de seu pai, possui fortuna e posição social, a jovem transfere suas energias para a vida em sociedade. Através dos seus contatos, ela conhece uma moça, denominada Srta. Harriet Smith. Trata-se de uma jovem bonita, mas sem fortuna e sem boas conexões familiares na sociedade. Emma logo se afeioou a Harriet, afinal, tinha o tipo de beleza que a heroína admirava, sentiu-se decidida a entrelaçar relações. “Ela iria cuidar de Harriet, aperfeiçoá-la, separá-la das más amigas e introduzi-la na boa sociedade; iria formar as opiniões e as maneiras dela” (AUSTEN, 2011, p.27), ou seja, tornando-se uma patrona; uma madrinha, alguém para guiar seu caminho.

Lewis afirma ter aprendido outra lição com Jane Austen, no que concerne ao valor de respeitar um protegido e aceitar suas escolhas, ou que esse se torne superior ao seu patrono. Ele aperfeiçoou as ideias da autora quando ensina aos leitores a educar os afetos.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Segundo Lewis “A Afeição do patrono pelo protegido é uma delas. Na novela de Jane Austen, Emma quer que Harriet Smith tenha uma vida feliz; mas apenas o tipo de felicidade que a própria Emma planejou para ela” (LEWIS, 2009, p.40)

A personagem Emma tinha uma desordem natural em suas afeições e isso prejudicava a sua protegida Harriet, que correu o risco de não se casar, porque Emma pensava apenas em si mesma. A felicidade da heroína foi ser o objeto da afeição de um homem bom e sensato que lhe falava francamente e a fez refletir e organizar seus sentimentos.

C.S. Lewis ainda pondera que, mesmo sendo mestre ou patrono, o dever de ensinar encontra-se em dividir o conhecimento adquirido e formar novos mestres. Mesmo que isso signifique ao mestre ser desafiado por alguém mais jovem, devendo alegrar-se e motivar-se em constante aprendizado.

Vale citar que os pais de C.S. Lewis eram leitores de romances em estilos distintos aos seus. Sua mãe lia Merediths e Tolstói. Já seu pai, romances políticos de Trollope.

Lewis afirma que foi instigado pelo seu amigo Arthur a ler as obras de Jane Austen, Waverley e as irmãs Brontës. Estes proveram a ele “um notável complemento à [...] leitura mais fantástica” (LEWIS, 1998, p.158). Além disso, Lewis ainda presenteia seus leitores com ensinamentos de seu amigo:

“As próprias qualidades que me haviam anteriormente impedido de ler os livros, Arthur ensinou-me a enxergá-los como encanto. O que eu teria chamado de “insipidez” ou “vulgaridade”, ele chamava de “Simplicidade” - uma palavra chave na sua imaginação. Ele não queria dizer meramente “Domesticidade”, embora essa característica estivesse também presente. Queria dizer, sim, a qualidade arraigada que vincula esses livros a todas as nossas experiências simples, ao clima, ao alimento, à família, à vizinhança.” (LEWIS, 1998, p.158).

Diante das análises apresentadas, é possível considerar que, agradáveis e consistentes romances proporcionam a homens e mulheres encanto e simplicidade e fazem refletir se algumas das tramas narradas acontecem na vida real. Isso pode ser notado nas obras de Jane Austen que são um combinado de fantasia, razão e romantismo.



WILLIAM DERESIEWICZ

Outro homem que foi influenciado pelas obras de Jane Austen foi o escritor William Deresiewicz. Também formado em literatura, sua *magnus opus* foi intitulada: *Aprendi com Jane Austen: como seis romances me ensinaram sobre amor, amizade e as coisas que realmente importam*. Nesta obra ele vai narrar como conheceu Austen e como seus romances o ajudaram em momentos diferentes de sua vida. Na referida obra, o autor narra “nunca desejei lê-la”. Não possuía interesse na ficção britânica do século XIX e se perguntava “o que era mais chato [...] do que um monte de romances longos, pesados e escritos por mulheres, em linguagem rebuscada sobre trivialidades?”. O nome de Jane Austen para o autor significava “Contos de fadas românticos bobocas [...]” (DERESIEWICZ, 2011, p.9, 10)

Deresiewicz dizia que tinha sono só de pensar em Jane Austen. Ele era um jovem de vinte e seis anos, com muitos problemas e que se achava muito sábio. Um homem americano, que retorna aos estudos num curso de doutorado em busca de completar as lacunas de sua formação literária. O autor se considera um jovem obtuso.

Deresiewicz era um jovem com sarcasmo raivoso, individualista e de convívio nada agradável, um sabichão pomposo. E não tinha o menor respeito pelos sentimentos dos outros. No que tange a relações sociais era um homem sem desconfiômetro de seus erros ou da inconveniência de suas ações ou falas. No amor, sua base era o sexo. A perspectiva de amor era algo inconcebível. Sua certeza era de que nunca se casaria.

Deresiewicz era arrogante, julgava os outros como sendo inferiores; acreditava que as pessoas não tinham algo que fosse de valor escutar. É possível supor que, por estes motivos, seu encontro com Jane Austen foi tão significativo, já que é considerada uma autora de personalidade forte, que sabia criticar os outros e a sociedade, sem deixar de ser dócil. Austen sabia expressar-se e também ouvir os outros. William Deresiewicz tem sua vida mudada por uma escritora que faleceu há mais de duzentos anos. Por meio da narrativa de Austen, sobre a vida comum, Deresiewicz vai moldar sua formação moral e imaginativa, além de suas considerações sobre questões fundamentais da vida.



Neste ponto, será fundamental dialogar com o terceiro capítulo da obra *A Abadia de Northanger* onde o autor narra o que aprendeu com a menção “aprender a aprender”. Neste período o autor está mudando para um apartamento ao lado do seu professor Karl Khoeber, que se tornou um mentor tão querido quanto um pai adotivo. Ele tinha idade para aposentar-se, porém, seu espírito era animado e lecionava em várias disciplinas, inclusive em ficção do século XIX, através da qual o autor se aprofunda nas obras Jane Austen. O professor é apresentado como um senhor que sabia ouvir o próximo, demonstrar empatia e que estava sempre disposto a aprender algo novo.

Com o exemplo desse mentor, William inicia sua carreira acadêmica de ensinar alunos do terceiro ano. Mas as coisas não ocorreram como ele esperava, ele não era um professor como Karl: não despertava o melhor em seus alunos. Sua dissertação estava apenas começando e o tema era Jane Austen. Ele se empenhou na releitura em ordem cronológica. A primeira leitura foi “*A Abadia Northanger*”, descrita como: “Uma obra leve e curta cuja graciosidade e encanto juvenis me deliciaram na primeira vez, mas à qual eu não dei toda atenção”. (DERESIEWICZ, 2011, p.89).

De acordo com a narrativa, a heroína, ao passar as férias em Bath com seus vizinhos, apreende grandes lições sobre a vida, seu leque social será ampliado, surgindo dois casais de irmãos que vão mostrar à Catherine modos de vida diferentes. John, um jovem relutante e tolo e, Isabella, moça mentirosa, egoísta e insensível para William, “os quais deram à jovem todas as ideias erradas sobre o mundo”. (DERESIEWICZ, 2011, p.92).

Apesar disso, eles não foram os únicos no ciclo social que procuraram educar a heroína da citada obra. Henry Tilney e sua irmã Eleanor vão colocar a jovem dama para pensar e não vão dar respostas prontas, mas através do questionamento e categorias mentais, colocando-a em uma expansão de seus conceitos e ideias fixas sobre a sua realidade.

O herói desta trama, Henry Tilney, desafia o pensamento e a tomada de decisões da jovem e é nesse momento que William tem um click do porquê de ele não conseguir ser como seu professor. Com as lentes de Austen ele conseguiu observar que não podia continuar sendo irônico e fingido, mas tinha que usar o método de Henry e fazer seu aluno pensar por ele mesmo, afinal, é isso que bons professores fazem, não vestem a fantasia de intelectual ou



sábio. Pelo contrário, fingem nada saber. Então, o autor aprendeu que não pode modificar os alunos em versões dele mesmo e sim transformá-los no melhor de si mesmos, assim como Austen fez com Catherine, que não virou uma versão de heroína e sim a melhor versão dela mesma após tomar resoluções por si própria.

LITERATURA E FORMAÇÃO MORAL EM JANE AUSTEN E DAVID HUME

Por meio de pesquisa bibliográfica, utilizando as palavras-chave “formação moral”, foi possível encontrar o artigo do filósofo Marco Ribeiro Balieiro, que resgatou a ideia de que, por meio da literatura são adquiridas novas habilidades na formação moral. A sustentação da sua tese dá-se através das obras de Jane Austen e David Hume.

1.4.1 *O que é moral?*

“Moral é o conjunto de regras adquiridas através da cultura, da educação, da tradição e do cotidiano, as quais orientam o comportamento humano dentro de uma sociedade. Etimologicamente, o termo moral tem origem no latim *morales*, cujo significado é “relativo aos costumes”.

Nessa direção, pode-se entender a formação moral na literatura como um ato de formar e construir algo, moldando o caráter e a personalidade do leitor.

Balieiro reflete sobre como o hábito da leitura influencia a moralidade do ser humano. O filósofo, através de recortes da obra *A Abadia de Northanger*, que contém citações morais claras, e *Orgulho e Preconceito*, o livro mais conhecido da escritora, bem como os pensamentos filosóficos de David Hume, particularmente com os Ensaios Morais, Políticos e literários, aponta um caminho em que ambos os autores consideram que o excesso de leitura e estudos, em detrimento do cultivo de boas relações sociais é extremamente prejudicial. Sendo assim, propõe-se analisar um recorte no artigo de Balieiro para justificar a importância da leitura das obras de Jane Austen por homens.



A leitura cria uma expansão da realidade e exercita uma vivência imaginativa. Contudo, ela não anula a realidade, nem pode ser uma válvula de escape do mundo real. Deve-se buscar um equilíbrio entre o mundo literário e o mundo real, de modo a dialogarem com harmonia e leveza.

PARALELO ENTRE JOHN THORPE E HENRY TILNEY

É importante ressaltar que Jane Austen deixa em suas obras pistas de sua opinião sobre homens lerem romances. Em *A Abadia de Northanger* é possível comparar dois personagens e seus hábitos de leitura. A heroína, Catherine, leitora ávida de romances, pergunta ao jovem Thorpe:

— Por acaso já leu Udolpho, Sr.Thorpe?

— Udolpho? Deus! Eu não, nunca leio romances. Tenho coisas mais importantes para fazer (AUSTEN, 2012, p.54).

O personagem Thorpe é descrito como corpulento, de estatura mediana; com rosto comum e de formas graciosas [...]”. (AUSTEN, 2012, p.50). Ao longo da narrativa, Austen apresenta aos leitores um jovem tolo, esnobe e com moral duvidosa. Já Tilney “era um tanto alto, tinha feições agradáveis e um olhar vivaz e muito inteligente; [...] sua conversa era interessante” (AUSTEN, 2012, p.29).

Ao ser questionado pela personagem Catharine sobre a leitura de romances, Tilney responde:

— Mas ousou dizer que o Senhor nunca lê romances.

— Por quê?

— Porque eles não são inteligentes o bastante para o senhor. Cavalheiros preferem leituras melhores.

— A pessoa que não sente prazer com um bom romance, seja cavalheiro ou dama, só pode ser intoleravelmente estúpida. Li todas as obras da Sra. Radcliffe, e a maioria delas com grande prazer. Os mistérios de Udolpho, uma vez que o comecei, não pude mais deixá-lo de lado. (AUSTEN, 2012, p.116 a 119).

Comparando os personagens masculinos - Thorpe e Tilney -, podemos perceber que o primeiro possui um padrão de pensamentos fixos sobre romances e os considera perda de



tempo, sua personalidade não é nada atrativa e seu comportamento e atitudes são repulsivos. Entretanto, o outro jovem aprecia a leitura de romances e defende que todos deveriam usufruir delas. Tilney tem uma moral nobre, virtudes e comportamentos aceitáveis pela sociedade.

Para efetivar, Deresiewicz aborda que a autora defendia o gênero romance e o estimava. Em uma carta para Cassandra referente à abertura de uma biblioteca na vizinhança, ela compreendia que:

Como incentivo à inscrição, a Senhora Martin nos disse que seu acervo não consistirá apenas em romances, mas de todas as espécies de literatura etc. etc. Ela podia ter dispensado comunicar essa pretensão à nossa família composta de grandes leitores de romances e que não se envergonham de lê-lo; [...] (DERESIEWICZ, 2011, p.119)

Jane Austen enaltece os homens que liam romances, pois eles ensinam muito mais do que crônicas históricas. Eles convidam a viver acertadamente, demonstram a realidade da vida privada com beleza, virtudes, educação, cultura e bons costumes que são capazes de estimular os leitores a serem transformados em algo melhor. Os leitores de Jane Austen são encorajados a realizarem constantes mudanças morais. Segundo Deresiewicz: “Nós nunca alcançamos o fim do que está dentro de nós, nunca sabemos o limite do nosso próprio potencial” (DERESIEWICZ, 2011, p.121).

CONCLUSÃO

Por intermédio da leitura das obras de Jane Austen os homens são moldados pelos costumes, comportamentos e cultura. O encontro com o pensamento da autora sobre o modo de vida tem o efeito de formar, construir o caráter e moldar a moral masculina. Suas obras contêm temas que vão muito além de casamentos e chás. Seu texto é, segundo Balieiro, verdadeiramente filosófico e a autora utilizava a literatura como ferramenta de formação moral, pensamento similar ao de David Hume.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Infere-se com essas análises que William Deresiewicz, depois de muitos anos de estudos, por fim, aprendeu a aprender, cedeu ao cotidiano e à sua relevância, amadureceu, percebeu que poderia ser autêntico, que existe amizade verdadeira e que apaixonar-se é uma realidade que não existe apenas na literatura. C.S Lewis teve um acréscimo à sua leitura fantástica, aprendeu a olhar com encanto para a “qualidade arraigada que vincula esses livros a todas as nossas experiências simples, ao clima, ao alimento, à família, à vizinhança” (LEWIS, 1998 p.158). Ao finalizar a análise por meio do estudo do filósofo Balieiro que, abarca muito além do conteúdo romântico das obras da autora, constata-se o teor filosófico de Austen e a conexão dela com David Hume, contemporâneo e filósofo. Os autores influenciaram o acadêmico a compreender a forma em que ambos interpretaram a literatura como ferramenta de formação moral.

REFERÊNCIAS

AQUINO, M. P. **Literatura, imaginação e cosmovisão cristã**. Disponível em: <<https://docplayer.com.br/55644448-Literatura-imaginacao-e-cosmovisao-crista-1.html>>.

Acesso em: 10 de jan de 2020.

AUSTEN, J. **A Abadia de Northanger**. 2a Edição. Tradução de Rodrigo Breunig. Porto Alegre: L & PM, 2012.

AUSTEN, J. **Emma**. tradução de Therezinha Monteiro Deutsch; prefácio de Julia Romeu. Rio de Janeiro: BestBolso, 2011.

BALIEIRO, M. Literatura e formação em Jane Austen e David Hume. **Discurso**, v. 1, p. 145-159, 2014.

BALIEIRO, M. R. Currículo. Escavador. 2020. Disponível em: <<https://www.escavador.com/sobre/7460236/marcos-ribeiro-balieiro>>. Acesso em: 17 de Abr de 2020.

DERESIEWICZ, W. **Aprendi com Jane Austen: Como seis romances me ensinaram sobre amor, amizade e as coisas que realmente importam**. Tradução de André Pereira da Costa. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

DERESIEWICZ, W. Biografia. Wikipedia. 2020. Disponível em: https://en.m.wikipedia.org/wiki/William_Deresiewicz. Acesso em: 17 de Abr de 2020

LEWIS, C. S. **Surpreendido pela alegria**. 1º Edição. Tradução de Eduardo Pereira e Ferreira. São Paulo: Mundo Cristão, 1998.

LEWIS, C. S. **Os quatro amores**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009, 2º Edição.

LEWIS, C. S. Biografia, Wikipedia. Disponível em: https://pt.m.wikipedia.org/wiki/Clive_Staples_Lewis. Acesso em: 17 de abr de 2020

O que é moral? Significados. 2020. Disponível em: <https://www.significados.com.br/moral/>. Acesso em: 17 de Abr de 2020.



A IRONIA EM *LADY SUSAN*, DE JANE AUSTEN

Maíra da Silva Botelho²¹
Thallita Mota de Oliveira²²

RESUMO: *Lady Susan*, romance epistolar publicado em 1871 pela escritora Jane Austen, no período da literatura regencial na Inglaterra, através de situações vivenciadas pela protagonista e dos enunciados irônicos ditos ao longo da trama, faz uma crítica aos papéis de gênero na sociedade da época. Assim, este trabalho tem como objetivo analisar e caracterizar o fenômeno semântico ironia no romance epistolar *Lady Susan*, de Jane Austen. Comparando o jogo irônico operado pela autora entre os significados dos enunciados de seus textos e a realidade da sociedade do período, especialmente no que diz respeito à figura feminina nesse contexto. A ancorando-se na teoria de ironia desenvolvida por Linda Hutcheon no seu livro *Teoria e Política da Ironia*, quando a categoriza como um “jogo de ditos e não ditos”, dotado de uma “aresta avaliadora”, que necessita do seu contexto discursivo para o seu entendimento. Dessa forma, levando à compreensão de como a autora opera esse discurso irônico dentro da obra e de quais as principais críticas tecidas por ela ao seu contexto social.

PALAVRAS-CHAVE: *Lady Susan*; Jane Austen; Ironia; Linda Hutcheon.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Jane Austen é uma das escritoras inglesas mais conhecidas na atualidade, nasceu em 16 de dezembro de 1775, morreu em 18 de julho de 1817 aos quarenta e dois anos. Nunca se casou, embora o tema do casamento estivesse presente nas suas obras de forma quase obsessiva, já que as suas protagonistas sempre estão envoltas em tramas relacionadas a este tema, acabando por fazer um casamento que une a questão financeira com a amorosa. Essa conciliação entre dinheiro e amor conquistada por suas protagonistas, infelizmente, não aconteceu na sua vida, especula-se que tenha tido uma grande paixão por Tom Lefroy e que o

²¹ Acadêmica do 7º período do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), campus Escola Normal Superior (ENS). Manaus, Amazonas. Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas (FAPEAM), onde desenvolve pesquisa voltada a literatura amazonense. E-mail:mairabotelho.s@gmail.com.

²² Acadêmica do 7º período do curso de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), campus Escola Normal Superior (ENS). Manaus, Amazonas. E-mail:mota.thallita@gmail.com.



casamento só não aconteceu devido à falta de posses de ambos, tanto Lefroy quanto Jane precisava fazer um casamento vantajoso, a solução para o impasse foi de não levar adiante o romance. Em relação a suas obras, são atribuídos a sua autoria seis romances concluídos: *Razão e Sensibilidade* (1811), *Orgulho e Preconceito* (1813), *Mansfield Park* (1814), *Emma* (1815), *A Abadia de Northanger* (1817) e *Persuasão* (1817), sendo os dois últimos publicados postumamente. Além desses, ela ainda deixou a sua obra de *Juvenília* em que se encontra o romance epistolar *Lady Susan* e o conto *Jack e Alice*, fora os dois romances inacabados: *Os Watsons* e *Sanditon*.

Por essa obsessão com a temática do casamento e os conflitos de suas narrativas girarem em torno do relacionamento romântico entre o casal protagonista, a sua obra é geralmente vista como histórias que carregam somente um romance e nada mais. Essa tendência plana de interpretação da sua obra impede que sejam vistas também as duras críticas que Austen faz por meio da ironia à sociedade de sua época, especialmente em relação aos papéis de gênero nesse contexto, como as expectativas e opressões sociais que incidiam sobre o gênero feminino. Dessa forma, analisando-se o processo de construção do fenômeno semântico da ironia dentro de um de seus romances: *Lady Susan*, é possível verificar como as narrativas de seus livros vão além do simples romance “água com açúcar”, caracterizando-se por uma crítica irônica à sociedade inglesa de sua época.

Assim, para compreender como a ironia opera dentro do romance *Lady Susan*, primeiro se faz necessário conceituar o fenômeno semântico ironia, à luz da teoria de ironia desenvolvida por Linda Hutcheon no livro *Teoria e Política da Ironia*; e como Hutcheon (2000) aponta que a ironia não pode ser entendida longe de seu contexto, será necessário traçar uma breve biografia de Jane Austen, salientando alguns fatos do seu contexto histórico-social de publicação; para posteriormente analisarmos mais pontualmente a ironia dentro do romance, destacando alguns enunciados e relacionando-os aos conceitos de ironia desenvolvidos.



O FENÔMENO SEMÂNTICO IRONIA

Para Maingueneau (2002, p. 175), quando um enunciador subverte a própria enunciação é o que se denomina de “ironia”, se configurando como uma forma de comunicação essencialmente ambígua, pois se mantém “na fronteira entre o que é assumido e o que é rejeitado. É próprio da natureza da ironia ser muitas vezes insolúvel, impedindo que o co-enunciador determine se o enunciador está ou não sendo irônico”. Hutcheon (2000) aponta que o “ironista”, como chama o enunciador da ironia, não tem como ser responsabilizado pelo que disse, porque não há como provar os implícitos do seu discurso, embora se possa atribuir pelo contexto, nesse sentido, seria imprescindível o conhecimento do contexto para decodificação do enunciado irônico.

Segundo Hutcheon (2000), a ironia é uma estratégia discursiva que envolve um complexo jogo de “ditos” e “não ditos”, dotado de uma “aresta avaliadora”, como a autora chama a crítica que a ironia carrega. Para ela, a ironia é “transideológica” e crítica por natureza, à medida que trabalha na tensão entre duas ideologias contrárias, esse fato leva comumente o ironista a ser acusado de partidário da ideologia que critica. Essa crítica da ironia é feita pela sua “aresta avaliadora”, causadora de incômodos e efeitos no seu público, podendo ser positivo ou negativo, mas que geralmente leva a um mal-estar. Nesse sentido, Hutcheon (2000) aponta que seguindo a “teoria dos atos de fala”, a ironia seria classificada como um “ato perlocucionário”²³ (HUTCHEON, 2000, p. 66), pois causa certos “efeitos e ações” na plateia: “a ironia possui uma aresta avaliadora e consegue provocar respostas emocionais dos que a ‘pegam’ e dos que não pegam, assim como dos seus alvos e daqueles que algumas pessoas chamam de suas ‘vítimas’.” (HUTCHEON, 2000, p. 16).

²³ Segundo a Teoria dos Atos de Fala desenvolvida por John L. Austin (1911-1960) dentro da Linguística Pragmática, as locuções proferidas em diferentes contextos de fala possuem também diferentes sentidos que fogem ao literal, assim, ele divide os “atos de fala” em três: locucionário, consiste no ato de proferir as sentenças em si; ilocucionário, consiste no ato de proferir uma elocução com função de ação, é um ato performativo; já o perlocucionário é o ato de fala proferida com a intenção de influenciar nos sentimentos e pensamentos do ouvinte, com intenção de gerar alguma consequência nele.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

As “vítimas” ou “plateia”, como Hutcheon (2000) nomeia os alvos da ironia, que podem ou não ser os seus interpretadores, são os outros personagens que além do ironista participam da “cena irônica”, isto é, o contexto de enunciação irônica. Assim, o ironista, a plateia e as vítimas fazem parte desse jogo polifônico de significados:

Os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretador e o ironista. O interpretador pode ser – ou não – o destinatário visado na elocução do ironista, mas ele ou ela (por definição) é aquele que decide se a elocução é irônica (ou não) e, então, qual sentido irônico *particular* ela pode ter.” (HUTCHEON, 2000, p. 28, grifos da autora).

De acordo com a autora, o enunciado irônico não tem um significado completo em si, esse significado precisa ser atribuído pelos receptores através de inferências e implicação de sentidos: Atribuir ironia envolve, assim, inferências tanto semânticas quanto avaliadoras.” (HUTCHEON, 2000, p. 29), pois “o poder do não dito de desafiar o dito é a condição semântica que define a ironia.” (HUTCHEON, 2000, p. 91). E essas inferências que o interpretador da ironia precisa fazer sobre o enunciado para entender o significado implícito (não dito), só podem ser feitas a partir do contexto de enunciação da ironia, que é o que Hutcheon (2000) chama de “comunidades discursivas”: “a ironia acontece porque o que poderia ser chamado de ‘comunidades discursivas’ já existe e fornece o contexto tanto para o emprego quanto para a atribuição da ironia.” (HUTCHEON, 2000, p. 37).

Conforme Hutcheon (2000) aponta, só entenderão o significado implícito da crítica irônica aqueles interpretadores que compartilhem das “comunidades discursivas” com o ironista (ou as reconstituem em busca de interpretação). Dessa forma, tanto pelo seu caráter ambíguo, quanto pela necessidade de inferências a partir da realidade social das “comunidades discursivas” que a ironia necessita para se efetuar em sua plenitude, é que muitas vezes ela é passada despercebida, como aconteceu (e ainda acontece) com os romances de Jane Austen ao longo dos anos, que geralmente são interpretados apenas sob o prisma de suas “histórias românticas”.



UMA BREVE TRAJETÓRIA DE JANE AUSTEN

Jane Austen é uma das escritoras mais reconhecidas da literatura inglesa, nasceu no século XVII, em 1775, na Inglaterra. É tão importante que figura no cânone ao lado de nomes como Shakespeare e Charles Dickens. Suas obras foram publicadas no período da Literatura Regencial Inglesa, anterior ao período Vitoriano que deu à luz a escritoras como as irmãs Brontës, por exemplo. Seu pai, George Austen, era reverendo e para complementar os ganhos trabalhava como tutor para alguns alunos. Por causa disso, Austen e seus irmãos tinham à sua disposição uma vasta biblioteca e por isso, tornaram-se ávidos leitores.

Na breve biografia escrita por seu irmão Henry Austen ela é descrita como uma pessoa com uma vida reclusa, dedicada à literatura e à religião, mostrando uma vida de poucos eventos. Austen nunca se casou, as suas experiências se passaram destacadamente dentro do âmbito familiar. Entretanto, a vida pacata e reclusa apontada pela biografia escrita pelo seu irmão, não teve impacto nenhum na sua arguta percepção das hipocrisias sociais: os seus romances, se observados com um olhar mais cuidadoso, demonstram uma grande consciência quanto às estruturas sociais, principalmente em relação as questões de gênero.

Segundo Biajoli (2017), o contexto histórico da sociedade inglesa em que a autora viveu limitava as mulheres em todos os sentidos: a instrução que recebiam estava atrelada à ideia de um bom comportamento. As mulheres deviam ser refinadas, contidas e preferencialmente, deveriam desenvolver talentos artísticos como cantar, tocar piano, desenhar, pintar e declamar. Essas qualidades seriam empregadas na busca de um bom pretendente, já que o matrimônio era a grande garantia de futuro econômico para essas mulheres, visto que, quase não havia profissões a serem exercidas por elas, a de preceptora era uma das únicas disponíveis para moças mais pobres. A situação piorava ainda mais com as várias dificuldades que elas enfrentavam em relação à herança, o drama vivido pelas irmãs Bennets em *Orgulho e Preconceito* exemplifica bem isso.

Em relação à estrutura de seus romances, em primeiro plano o que se pode observar é o enlace romântico das personagens principais, conforme as protagonistas se movimentam na sociedade enfrentando as diferentes situações e conflitos impostos a elas, a autora alfineta os



diferentes tipos sociais com quem convivia e observava ao seu redor. Um grande diferencial de Austen em relação à época é o fato de apresentar mulheres reais: dotadas de consciência, criticidade, com personalidade e posicionamento fortes, ainda que as suas ações sejam restritas pelo meio em que vivem.

Esse posicionamento das suas protagonistas reflete o seu desconforto em vários sentidos, tanto em relação às estruturas sociais, como já foi dito, quanto em relação à forma como as mulheres eram estereotipadas na própria literatura. Embora a figura da mulher seja recorrente em obras literárias inglesas, mesmo protagonizando, as suas personas eram modeladas por uma visão masculina, que ao mesmo tempo que as estereotipava também criava padrões que deveriam ser seguidos pelas leitoras, como é o caso de *Pamela*, de Samuel Richardson.

Biajoli (2017) aponta que essas nuances críticas nas obras de Jane Austen não foram percebidas no período de publicação e até meados do século XX, quando prevalecia a visão de que as suas obras eram meramente românticas, que salientavam apenas a inocência, modéstia e feminilidade das protagonistas. Isso se deu, principalmente, devido a forma como foram divulgadas, evidenciando apenas o lado romântico que tinha maior apelo entre as leitoras. Isso aconteceu também muito em função de sua obra ser recheada e construída por ironia, e como forma de discurso ambíguo e polissêmico por natureza, achar o seu significado não era tão fácil assim, era preciso entender como a ironia operava e quais os aspectos da sociedade, como é caso da autora, ela criticava com suas arestas, como será mostrado em *Lady Susan*.

A ARESTA AVALIADORA EM *LADY SUSAN*

O romance *Lady Susan* é estruturado em forma de quarenta e uma cartas, seguidas de uma breve conclusão narrativa. O desenvolvimento do enredo é feito através do envio de cartas entre as personagens envolvidas na trama, que são: Lady Susan Vernon, viúva do Sr. Vernon mais velho e mãe de Frederica, uma jovem de dezesseis anos; o Sr. Vernon mais novo, cunhado de Lady Susan e casado com a Sra. Vernon (antiga Cath De Courcy), que é

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

dito durante o romance, que sofrera severas oposições por parte de Lady Susan na época que era noiva do marido; o jovem Sr. De Courcy (Reginald), irmão da Sra. Vernon, que inicialmente tem opiniões ruins sobre a fama de “coqueteira” de Lady Susan, mas que posteriormente se apaixona por ela; a Sra. Johnson (Alicia) amiga e principal correspondente de Lady Susan, é a única com quem a protagonista é sincera sobre suas opiniões e motivos de suas ações; o Sr. e a Sra. Manwaring, casal que hospeda Lady Susan antes da trama começar, é da casa deles que ela é expulsa e se refugia na casa dos Vernon no início do livro, é acusada de seduzir o Sr. Manwaring e o Sir James ao mesmo tempo, este último com o qual Lady Susan faz de tudo para que case com Frederica; o Sr. e a Sra. De Courcy, pais de Reginald e da Sra. Vernon, que se opõem terminantemente as intenções do filho de se casar com a protagonista.

O romance se inicia com uma carta de Lady Susan endereçada ao Sr. Vernon, comunicando as suas intenções de aceitar o antigo convite de passar uma temporada na casa dele, mas a verdade é que ela tinha sido expulsa da casa dos Manwaring e tenta se isolar no campo. O que ela diz nessa carta, portanto o explícito do enunciado irônico é:

Não posso mais negar a mim mesma o prazer de fazer uso de seu gentil convite, feito da última em que nos separamos, para passar algumas semanas em Churchil, portanto, se for conveniente para você e a sra. Vernon me receber agora, espero daqui a alguns dias ser apresentada a uma irmã que há muitos desejo conhecer. (AUSTEN, 2012, p. 273).

O implícito por trás desse enunciado é verificável ao longo das outras cartas, em que ficamos sabendo a verdadeira opinião de Lady Susan sobre a estadia e sobre a Sra. Vernon, ficamos sabendo também como esse fato é conhecido por todos os envolvidos, embora eles mantenham uma posição de polidez e se alfinetem apenas por meio de ironias sutis. Mais à frente, numa carta à Sra. Johnson conseguimos identificar o implícito do enunciado anterior:

Passarei pela Cidade a caminho daquele lugar insuportável, um vilarejo rural, pois de fato estou indo para Churchil. Perdoe-me, cara amiga: é meu último recurso. Se qualquer outro lugar estivesse aberto a mim, eu o preferiria. Tenho verdadeira aversão por Charles Vernon, e a mulher dele me dá medo. (AUSTEN, 2012, p. 275).



Como foi mencionado, todos envolvidos conhecem as opiniões de uns sobre os outros, a Sra. Vernon em uma carta à mãe informa conhecer a opinião de Lady Susan a seu respeito, quando menciona a ocasião da oposição enfrentada na época de seu casamento com o Sr. Vernon, o que reforça a proposta de que o enunciado inicial de Lady Susan é irônico, em que todos já conhecem os significados implícitos do que foi dito:

Independentemente de seu carácter de forma geral, seu comportamento para com ele foi tão imperdoavelmente ardiloso e pouco generoso desde que se começou a falar sobre nosso casamento que nenhuma pessoa menos bondosa e afável do que ele poderia tê-lo ignorado [...]. (AUSTEN, 20012, p. 276).

Contudo, embora existam diversas ironias internas ao contexto do romance, as que mais se destacam na obra de Jane Austen são as que ela estabelece com o contexto social em que vivia, com a realidade de sua “comunidade discursiva” (HUTCHEON, 2000). Nesse sentido, apontamos que nessa “cena irônica” criada pela autora temos: ela como a “ironista”, que tem a intenção de criticar a sociedade de sua época, principalmente em relação aos papéis de gênero; a “plateia” e/ou “vítimas” que é o sistema, os seus participantes (incluídos os seus leitores) que são criticados pelas suas “arestas avaliadoras”. A comunidade discursiva como mencionada é essa sociedade patriarcal inglesa do século XVIII, que oprimia as mulheres com suas altas exigências de comportamento, expectativas e falta de direitos.

Assim, num primeiro momento lendo o romance sem inferir os “não ditos” nos enunciados irônicos, é possível pensar que Jane Austen faz uma crítica conservadora a mulheres com o comportamento de Lady Susan, é o que Hutcheon (2000) menciona sobre os perigos da natureza “transidológica” da ironia, que joga com ideologias opostas e corre o risco de ser mal interpretada. No entanto, a opção de Jane Austen por uma protagonista como Lady Susan que compreende perfeitamente os mecanismos sociais do seu contexto e joga com eles em prol de sua sobrevivência, é um indício que ela estava na verdade criticando não o comportamento “não esperado” de Lady Susan, mas sim a sociedade hipócrita, opressora e desigual em que ela vivia.

Lady Susan é criticada constantemente por seu comportamento “coqueteiro”, “dissimulado” e “cativante”, “sem caráter”, como o próprio Reginald Vernon aponta antes de

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

conhecê-la: “Parabenizo-a, bem como ao Sr. Vernon, por estarem prestes a receber no seio de sua família a mais consumada coquete de toda Inglaterra.” (AUSTEN, 2012, p. 277), “até onde posso deprender, Lady Susan é dotada de um grau de fingimento cativante que deve ser agradável testemunhar e detectar.” (AUSTEN, 2012, p. 278). O que está explícito nos enunciados, ou seja, o “dito” é a censura ao comportamento da protagonista, mas o “implícito/não dito” é a crítica de Jane Austen à censura que as mulheres que tinham comportamento semelhante aos dos homens sofriam, enquanto homens em nada eram repreendidos.

Isso fica evidente um pouco mais à frente no romance, quando a Sra. Johnson envia uma carta a Lady Susan falando sobre a sua conversa com Sir James, pretendente de Frederica, e ela comenta que repreendeu o jovem por flertar com a Srta. Manwaring enquanto fazia a corte à Frederica, ele retruca dizendo que era só brincadeira e ambos riem, mas seu comportamento em nenhum momento é repreendido ou condenado, ao contrário é tido como normal e até esperado: “Repreendi-o por cortejar Maria Manwaring, ele protestou dizendo que tinha sido só por brincadeira, e ambos rimos a valer da decepção dela” (AUSTEN, 2012, p. 286). O que Jane Austen critica na sua ironia é que o comportamento “coqueteiro” masculino não é repreendido, é normalizado. O mesmo implícito pode ser deduzido de outro enunciado da Sra. Johnson sobre a Sra. Manwaring, segundo ela, a esposa não deveria desejar fidelidade de seu marido, que ao longo do romance ficamos sabendo que mantém um caso amoroso com a protagonista, já que é inútil esperar isso de um homem: “Que mulher mais boba, esperando constância de um homem tão charmoso!” (AUSTEN, 2012, p. 322). O comportamento é normalizado, comum e banal, enquanto o semelhante de Lady Susan é tido como imoral.

Austen avança suas críticas através de suas “arestas avaliadoras” sobre os papéis de gênero nessa sociedade quanto as exigências e expectativas em relação aos talentos e qualidades que as mulheres deveriam ter para serem consideradas “bonitas” e dignas de um bom casamento. Isso pode ser visto quando a autora põe essa crítica na boca de Lady Susan, que embora seja uma mulher excepcionalmente bonita fisicamente como a própria Sra. Vernon aponta:

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

Ela é de fato excepcionalmente bonita. Ainda *que você possa decidir questionar os atrativos de uma dama já não tão jovem*, eu, por minha parte, devo declarar que raramente vi mulher tão formosa quanto Lady Susan. (AUSTEN, 2012, p. 280, grifos nossos).

Mas, mesmo assim, ela não é considerada uma mulher bonita e talentosa, como a própria aponta numa carta à Sra. Johnson enquanto comenta sobre a educação de Frederica:

A *minha* infância foi tão mimada que jamais fui obrigada a me dedicar a nada, e, por consequência, não tenho hoje os dotes necessários para completar uma mulher bonita. Não que eu seja defensora de atual voga de adquirir um conhecimento perfeito de todos os idiomas e ciências, isso é jogar tempo fora; dominar o francês, o italiano, o alemão, a música, o canto, o desenho etc. poderá valer a uma moça alguns aplausos, mas não acrescentará à sua lista um pretendente sequer (AUSTEN, 2012, p. 282, grifos da edição).

O implícito irônico que Jane Austen coloca nesse enunciado é de que a sociedade era extremamente exigente quanto ao padrão feminino, a autora, através da fala da protagonista, enumera uma infinidade de talentos requeridos para uma mulher, em contrapartida, aos homens não era exigido quase nada, a não ser a capacidade de sustentar uma casa. Dois pontos podem ser discutidos nessa parte do livro em meio a esses enunciados irônicos: o primeiro é com relação a idade de Lady Susan, que faz parte das exigências que incidem sobre o gênero feminino e o segundo é em relação à educação de Frederica, que perpassa as expectativas femininas nessa sociedade.

Grifamos a parte do enunciado que mostra a opinião da Sra. Vernon sobre Lady Susan, ela destaca a sua beleza que é grande, embora a sua idade seja avançada, ficamos sabendo ao longo do romance que ela tem apenas trinta e cinco anos. A exigência quanto à idade da mulher era muito grande, por isso, ela precisava se casar cedo, senão correria o risco de perder a beleza. Austen, nesse enunciado sobre a idade da protagonista, deixa a crítica implícita a esse padrão ultrajante da sociedade sobre as mulheres. A crítica em relação a isso aparece novamente na fala do pai de Reginald Vernon, quando envia uma carta ao filho expressando a sua oposição a um possível casamento com Lady Susan, e um dos grandes fatores que desqualificam a dama é sua idade, mas que poderia até ser perdoado se não fosse a

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

sua “falta de caráter”, portanto é perceptível que idade dela é uma falta tão grande, equiparável à sua suposta frivolidade:

Por si só, a idade de Lady Susan já representa uma objeção material, mas sua falta de caráter constitui uma objeção tão mais séria que até mesmo uma diferença de doze anos se torna pouco importante em comparação (AUSTEN, 2012, p. 289).

O segundo não dito crítico que pode ser destacado nos enunciados das personagens é em relação à educação feminina na época. Jane Austen critica isso quando usa ironicamente a fala de Lady Susan sobre a educação da filha:

Sendo assim, não tenho intenção de que a educação de Frederica seja mais do que superficial, e ousa esperar de que ela não vá permanecer na escola por tempo suficiente para dominar completamente o que quer que seja. Espero que se torne a esposa de Sir James daqui a um ano (AUSTEN, 2012, p. 282).

Frederica não precisaria de maiores instruções numa sociedade como essa, pois o que importava mesmo para uma mulher era arranjar um bom casamento, no caso dela, com o rico Sir. James. Essa é mais uma das críticas implícitas da autora, disfarçada em forma de enunciados que parecem coadunar com os valores da época, mas que, na verdade, avaliam e repreendem esses valores. No entanto, o risco de jogar com duas ideologias diferentes (de natureza transideológica) é a possibilidade de ser confundido como um defensor do que critica, já que só é possível depreender o significado irônico se o interpretador jogar com o “dito” e o “não dito” em seu contexto discursivo, a fim de formar um terceiro significado que é o irônico (HUTCHEON, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lady Susan é um romance que tece várias críticas sociais através da ironia, especialmente quanto aos papéis de gênero. Austen usa um sofisticado jogo de “ditos” e “não ditos”, “explícitos” e “implícitos” em seus enunciados irônicos para criticar os valores preconizados pela sociedade inglesa de sua época. Para entender e inferir os significados



desses enunciados é preciso que os interpretadores compartilhem de sua “comunidade discursiva” (HUTCHEON, 2000), não somente num sentido físico e temporal, mas ideológico. Só então será possível entender as plurissignificações dos enunciados polissêmicos das obras de Austen.

Desse modo, a protagonista Lady Susan representa não uma crítica a comportamentos como o dela, mas sim a demonização da sociedade sobre uma mulher que é culpada por somente ter um comportamento igual ao dos homens de sua própria sociedade que, em contrapartida, passavam ilesos das repreensões e exigências sociais. Lady Susan é hostilizada pela sua tentativa de sobreviver a essa sociedade opressora e com as armas que dispunha: coquetismo, charme, beleza, sociabilidade. Contudo, isso era visto como uma falta de consciência de sua posição de gênero, pois como a própria protagonista afirma em determinada passagem de suas cartas: “Imperdoáveis são as mulheres que se esquecem daquilo que devem a si mesmas e à opinião do mundo” (AUSTEN, 2012, p. 297).

REFERÊNCIAS

AUSTEN, Jane. **Persuasão**. Tradução Fernanda Abreu. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BIAJOLI, Maria Clara Pivato. **Jane Austen ao longo do século XX: do conservadorismo político à crítica de gênero disfarçada**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017, ISSN 2179-510X.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e Política da Ironia**. Tradução: Julio Jeha. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Do Provérbio à ironia: polifonia, captação e subversão**. In: **Análise de textos de comunicação**. 2 ed. Tradução: Cecília P. de Souza-e-Silva e Décio Rocha. São Paulo: Cortez, 2002, p. 169-178.

LITERAUSTEN



Jane Austen Sociedade do Brasil

NÚMERO 7 - 1º SEMESTRE DE 2020



Revista LiterAusten

Estudos, pesquisas e ensaios dedicados ao legado
da romancista inglesa

Jane Austen